

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores — Primeiros Tenentes : BERTHOLDO KLINGER, ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO e J. DE SOUZA REIS

N.º 6

Rio de Janeiro, 10 de Março de 1914


Anno I

SUMMARIO



Editorial. — **PARTE JORNALISTICA:** Campos de instrução — El sueldo de los militares — Escripção nos corpos de tropa — Questões de artilharia — Praxes a eliminar — Caderneta de reconhecimento — O corpo de intendentes — Refutação — Manobras francezas em 1913 — Subsídio para o "Regulamento de tiro da metralhadora" — Ensino da avaliação de distancias — **NOTICIARIO:** — O concurso de tiro da artilharia de Campanha da 9. Região (conclusão) — Mais uma vez o fuzil M. 1908. — Expediente.

EDITORIAL

MA instituição do mais alto alcance militar, dos mais beneficos effeitos para o preparo não só dos officiaes como da tropa, e que entre nós ainda não é, em geral, devidamente praticada nem comprehendida é a critica.

Em sua genuina accepção militar a critica é o julgamento de um exercicio militar, seja de que natureza fôr. Assim como o julgamento de um acto civil resulta de seu confronto com as leis e regulamentos da sociedade, a critica militar é o exame de qualquer manifestação da actividade militar á luz dos principios que regem esse dominio. E' pois um erro palmar de interpretação o 'suppôr-se na critica militar uma intensão pejorativa. O seu papel é, em geral, elucidativo, aproveitando-se principalmente dos erros commettidos, para esclarecer certos pontos dos regulamentos, examinar a applicabilidade de varias soluções tomando em conta todas as circumstancias de cada caso particular, que os regulamentos, por natureza, não podem especificar, esclarecer a decisão no caso de concorrerem circumstancias con-

tradictorias. A critica militar não se limita a censurar, a catar erros e lançal-os em rosto de quem os commetteu; ella deve sempre ser positiva, isto é, mostrar quaes os preceitos regulamentares infringidos, expôr os motivos pelos quaes a solução tomada foi errada, e no caso de simplesmente não achal-a perfeita, expôr como teria sido melhor.

D'ahi vê-se que a critica é *impessoal*, deve ser *reduzida ao minimo de palavras*, e não pôde deixar de ser *absolutamente doutrinaria*. *Ella é impessoal* porque apprehende para objecto de seu exame os factos, não as pessoas. Essa noção mal começa a penetrar entre nós; habituados só e só aos elogios pelo *asseio, disciplina e garbo militar* conquistados nas exhibições de conjuncto, onde os olhos dos criticos, sahidos da mesma formação secular, não penetravam mais fundo que os dos espectadores alheios á profissão, não 'nos sabe ao paladar manhoço uma critica que d'isso discrepe. D'ahi a explosão do despeito pelo amor proprio offendido quando a critica nos aponta os artigos de regulamentos pisados pelo nossos passos errados.

A noção inteiramente opposta a essa é a que nos deve penetrar; sua manifestação no exercito allemão é um dos factos que mais nos impressionaram: se no correr d'uma critica oral, após um exercicio, é verberado um erro, sem ser citada a pessoa que o commet-

teu, o official com quem isso se entende, immediatamente se perfila e leva a mão á pala, sem dizer palavra! Isso é ponto de honra. E se o chefe que faz a critica não lhe pergunta que razões teve para proceder como fez, o criticado não procura absolutamente justificar-se.

A critica deve ser reduzida ao minimo de palavras, porque ella é um exame á luz dos regulamentos, isto é, dos livros da profissão, que estão ao alcance de todos. Infelizmente, como já foi citado no n.º 4 desta revista, (no artigo, «O Regulamento de Gymnastica») nós ainda não chegamos lá: não é entre nós mui facil esse problema de armar-se a gente com os necessarios regulamentos. Quem faz uma critica, deve porem suppôr que os profissionais conhecem as fontes de onde sae a lympha com que se procede ás abluções dos erros. Todos devem pois ser entendedores, portanto meias palavras, isto é, curtas referencias bastarão, e não haverá lugar da critica degenerar em dissertação cathedratica.

A critica deve ser absolutamente doutrinaria. Uma vez que os regulamentos militares são organisados formando systema, aferidos pela unidade de doutrina, e a critica tem por fim corrigir os casos de afastamento do regulamento, elucidar os pontos duvidosos, interpretar-os, tornando assim effectiva a satisfação da necessidade eminentemente militar de todos obedecerem aos mesmos preceitos technicos e tacticos, tal critica não pode deixar de ter o character intensamente doutrinario.

Aliás essa boa noção da critica militar, consagrada em todos os exercitos que não se limitam a ser um mostruario de rotulos sobre garrafas vacias, tambem já deu entrada no nosso, por meio de dois regulamentos, um dos quaes, o Complemento dos Regulamentos de Tiro da Artilharia foi ultimamente desempoeirado graças á exquisita lembrança de se mandar a artilharia fazer exercicio de tiro, e outro, o Regulamento para as Manobras do Exercito de 5. 3. 1913, ainda tem a existencia ignorada da grande maioria dos officiaes, pois sua distribuição não excedeu ao numero

de um exemplar (!) por companhia, esquadra ou bateria.

Este define amplamente a critica em seus §§ 145 a 149, e aquelle traz um capitulo especial com o titulo «Critica» (§ § 176 a 185), onde, embora tratando especialmente do tiro, estão literalmente consignados todos os parâmetros que determinam, por assim dizer, graphicamente a critica militar, em geral: § 179 (pag. 74 do Compl. dos R. de T.) A critica deve ser estimulante, detalhada e instructiva, sem que entretanto se alongue em demasia.

§ 177. A critica tem por fim desenvolver os conhecimentos e a comprehensão das prescripções regulamentares. Por isso *a critica constitue um dos meios mais importantes para o desenvolvimento da instrucção*.

E' uma grave lacuna do nosso excellentissimo «Regulamenio para Instrucção e Serviço Interno» de 15. 7. 09. o não consignar explicitamente que as diversas revistas de instrucção devem necessariamente ser coroadas pela critica immediata. Assim é em todos os exercitos onde se procede a taes inspecções da instrucção.

Eis ahi mais uma face muito interessante da necessidade e beneficio da critica: ella obriga tambem ao estudo os superiores que têm de fazel-a, e para não commetterem a inhabilidade de fazer as mesmas observações a todas as unidades examinadas têm que prestar déveras toda a attenção a todas ellas, fazer-se mesmo secundar pelos ajudantes que por seu lado tomam apontamentos, e assim jámais bocejarão de tédio por mais longo e repetido que seja o programma a desenrolar.

*
* *

Em resumo, a critica é uma condição essencial do aperfeiçoamento militar. Sem ella cada um ficaria adstricto a si mesmo para aperfeiçoar-se (peior ainda, estimulado a perseverar nos defeitos por força dos perniciosos elogios infundados) ou, o que é mais certo, ficaria «tudo como dantes» pois cada qual persistiria em seus erros resultantes de

algum detalhe escapado na leitura do regulamento, de má interpretação, etc.

Portanto, todos quantos desejamos nos aperfeiçoar — o que para nós é questão capital, pois *não progredir é parar*, e militarmente *parar é atazar-se* — nada temos que temer da critica; ao contrario, esforçando-nos por não errar devemos dar-nos por felizes toda vez que pudermos fornecer-lhe assumpto.

A nimia simplicidade dessas considerações deve fazer recalcar todo impeto malsão de repulsa á critica, profundamente justa e sempre benefica por mais severa que seja.

Importaria em revelar um estadio inferior de cultura o querer sobrepôr ao interesse superior da collectividade o interesse individual da vaidade supposta malferida.

E é nos moldes assim largamente expostos que sempre ha de vasar-se o exercicio do direito da critica pel' "A Defeza Nacional".

H. Klingner

Campos de instrucção

SOCRATES, o sabio grego, cognominado "o pae da philosophia" foi soldado; e conta-se d'elle que meditava tanto que uma occasião, na campanha da Potidéa, passeando pela manhã no acampamento, parou e absorveu-se de tal modo em sua meditação que conservou-se de pé, no mesmo lugar, até o clarear do dia seguinte.

Xenophnote, expondo as idéas de Socrates sobre a guerra, diz que elle estabelecera um principio geral o qual encerra todos os principios da arte da guerra:

Um chefe deve fazer a felicidade dos seus soldados.

E elle desenvolve o pensamento do mestre: « Os soldados são feitos para combater com o fim de vencer; para fazer sua felicidade é preciso, em primeiro lugar, dar-lhes a virtude mais util ao homem, a que mais contribue para a victoria — a coragem.

Depois, é necessario dar-lhes um sentimento igualmente indispensavel — o da obediência; para que esta seja voluntaria torna-se preciso que os soldados estejam convencidos de que os chefes são constantemente

guiados em seus actos pela affeição e interesse por elles, e para que ella perdure no mais forte do perigo, é imprescindivel que os soldados tenham toda a confiança na habilitade dos chefes, que estejam certos de que as ordens a executar terão por fim assegurar sua conservação e sua gloria.

O terceiro meio que tem o chefe para a felicidade de seus soldados é dispor-os de modo a tirar o melhor partido de sua coragem e obediencia, poupando-lhes a vida, isto é, não os expondo inutilmente e fazendo-os combater nas condições mais vantajosas que fôr possivel.

Em um livro notavel — *L'armée idéale* — o coronel francez Arthur Boucher fez um estudo interessante de historia militar, para demonstrar que o axioma de Socrates tem sido applicado não só nas guerras antigas como nas modernas; e analysando a guerra russo-japoneza, e especialmente a batalha de Liao-Yang, elle concluiu que:

« Nunca, no curso da historia do mundo inteiro, povo algum, exercito algum procurou conformar-se de uma maneira tão completa, tão rigorosa, pondo em evidencia de um modo brilhante o valor indiscutivel e o caracter eterno do axioma que manda fazer a felicidade dos soldados ».

Mas o que é preciso para poder um chefe applicar o axioma de Socrates? Educar e instruir seus soldados.

E' a educação que lhes dará as qualidades moraes; a educação militar, dando ao soldado as virtudes da coragem e da obediencia, desenvolve nelles ao mesmo tempo o espirito de sacrificio e de altruismo, que contribue poderosamente para a felicidade collectiva.

O valoroso Kleber, um dos marechaes de Napoleão, atravessando com seu exercito o deserto de Damanhour, querendo exaltar em suas tropas o dever do sacrificio e o espirito de camaradagem, disse em uma proclamação: « ser soldado é, quando se tem fome, não comer; quando se tem sede, não beber; quando não se pôde mais andar, carregar seus camaradas feridos ».

A instrucção militar ensinará o soldado a servir-se de suas armas e do terreno para vencer, poupando-se o mais possivel.

Os regulamentos modernos insistem, com evidente razão, sobre a necessidade de ministrar-se a instrucção tendo sempre em vista a guerra, e de modo que o soldado saiba tudo que a guerra pôde exigir d'elle, e não tenha de esquecer no campo de batalha nada do

que aprendeu no campo de exercicio (regul. Inf. art. 15).

Conclue-se immediatamente que é indispensavel collocar a tropa, durante o tempo de paz, em condições de receber a instrucção de que precisa para a guerra, e isso ella não poderá fazer sómente dentro dos pateos dos quarteis.

Em todos os Exercitos as tropas tem á sua disposição terrenos para seus exercicios do tempo de paz : são as praças de exercicio ou campos de manobra ; antigamente procurava-se para isso terrenos chatos, sem accidentes, que permittissem as evoluções em ordem unida, de accordo com a tactica usada ; hoje, porém, é necessario o terreno variado, semeado de accidentes, onde o soldado aprenda as formações reaes de combate.

Sem terrenos dessa natureza, que approximem o exercicio da realidade do combate, o soldado ficará na posição do individuo a quem se pretendesse ensinar chimica sem laboratorio, ou equitação em um cavallo de pão.

Convencidas dessa necessidade, as nações não hesitam em adquirir terrenos para o fim citado, mesmo á custa de preços elevados : na Allemanha os corpos de tropa dispõem de praças de exercicios de pequenas dimensões nas proximidades de suas casernas (Garnisonexerzierplatz), e de outras muito maiores (Truppenübungsplatz), destinadas aos exercicios de combate das companhias, batalhões e regimentos, bem como ao tiro de combate da infantaria, aos exercicios de grandes unidades de cavallaria e aos de tiros de artilharia ; na França foi por muito tempo obrigação das cidades que tinham guarnição militar fornecer os campos de manobra, passando depois esse dever para o governo da Republica.

Antigamente os campos de instrucção eram acampamentos permanentes, que serviam para a reunião de tropas de que os governos poderiam ter necessidade, não só para uma guerra externa, como para uma contingencia da politica interna ; é assim que já em 1480 o rei Luiz XI estabeleceu um campo destes em Pont d'Arche ; em 1696 creou-se o de Compiègne, no qual, durante todo o seculo XVIII se reuniram as tropas. e em 1778 o de Vanssieme, onde acampavam 60 batalhões, 40 esquadrões e 40 canhões, tornando-se celebre pelas experiencias de tactica nelle realizadas.

Hoje, porém, com o evoluir da civilisação os campos de manobra ou praças de exercicio

servem apenas para reunir as tropas para exercicio ; e naturalmente suas dimensões minimas devem variar conforme o effectivo da tropa a que são destinados.

Na França está fixado o minimo de 30 hectares para os campos de exercicio da cavallaria, e em 16, 8 e 2 hectares os destinados á infantaria, conforme se trate de 3, 2 ou 1 batalhão.

Na Allemanha o regulamento de 1865 fixou essas dimensões do seguinte modo :

Para um Batalhão de infantaria, 375.^m a 300 de comprimento e outro tanto de largura.

Para um regimento de infantaria de 600.^m a 525 de comprimento e outro tanto de largura.

Para um esquadrão de cavallaria, 600.^m de comprimento e 265 de largura.

Para um regimento de cavallaria, 600.^m de comprimento e 600 a 525 de largura.

Para uma bateria de art.^a, 375.^m de comprimento e 225 de largura.

Para um grupo de artilharia o mesmo que para um regimento de cavallaria.

Para uma brigada ou uma divisão 1130.^m de comprimento e outro tanto de largura.

Os allemães possuem 21 grandes praças de exercicio onde as tropas de todas as armas podem effectuar seus exercicios de combate ; são destinadas aos Corpos de Exercito.

O nosso Congresso Nacional tem por mais de uma vez votado patrioticamente verba para essa despesa ; mas esses creditos não tem sido utilizados. E' impossivel evitar que ao espirito do soldado ou do patriota se apresente a interrogação : — porque ?

Não estariam as altas autoridades convencidas da necessidade desses campos ou não teriam encontrado no nosso vasto territorio terrenos para tal fim ?

Não teria sido possivel com os recursos dados pelo Congresso crear ao menos um campo de instrucção para modelo ?

O Governo possui vasta extensão de terreno neste Districto Federal, desde a serra do Gericinó até a Estrada Real de S. Cruz onde está edificando a Villa Militar e a Villa Proletaria Marechal Hermes ; a parte que ainda está desoccupada, e que pode ser augmentada com desapropriações pouco dispendiosas chega para um bom campo de manobras e de tiro, onde se poderão exercitar francamente as tropas da 9.^a Região, isto é, uma Divisão de exercito.

Não parece que a despesa seja consideravel, encarada em absoluto, porquanto se apreciarmos em relação á sua utilidade, ell

se tornará insignificante, pois trata-se de satisfazer uma necessidade urgente.

Nossa tropa vive, durante a guerra, em barraca; assim pois deve também viver no campo de manobra, o que exclue a despesa com os barracões que nos campos europeus abrigam as tropas; nós apenas precisaremos de abrigos para material de instrução, generos alimentícios etc.

Quanto ao terreno, bastará limpá-lo de modo a permittir o transito das tropas, e saneá-lo pela limpeza dos rios e escoamento de agoas que haja estagnadas.

Grande parte desse terreno, é atravessado por uma estrada de ferro industrial pertencente ao Ministerio da Guerra; ella deveria ser transformada em uma via-ferrea militar e com o material proprio; entregue ás tropas technicos, acudiria ás necessidades do campo de manobras e serviria para os exercicios especiaes d'aquellas tropas, e das outras quanto ao embarque e desembarque.

O orçamento para este anno não permite provavelmente ao Ministerio da Guerra faser obras, mas estou certo de que o Congresso não se negará a restabelecer para o anno proximo uma das verbas que em annos anteriores já havia concedido para esse fim.

General Faria.

El sueldo de los militares, su aumento proporcional (1)

ENTRE outros tantos projectos que as comissões parlamentares não despacharam a tempo, para que fossem postas em exercicio este anno, figura um da guerra, na Camara dos Deputados, sobre o augmento proporcional dos vencimentos militares. Afastado no momento este projecto, de que é autor o deputado Del Banco, e que vem preencher uma profunda necessidade do exercito, parece que alguns legisladores estão resolvidos a prestigiar o citado augmento, quando se tratar do annexo da guerra no orçamento immediato.

Em outras occasiões já temos demonstrado que os actuaes vencimentos são insufficientes para qualquer conforto na vida dos officiaes. Reduzamos a prova numerica, por exemplo, a situação d'um capitão, gradação

a que se chega, em termo médio, com 15 annos de serviço e 32 de idade, phase da vida em que todo o homem já tem formado o seu lar independente.

Incluidos todos os supplementos, um capitão percebe 420 pesos mensaes (750\$000).

Suas despesas mais ou menos distribuem-se assim: aluguel de casa, 110 pesos; manutenção da familia, 150; criado, 35; uniforme, equipamento, livros, etc., 90. Resta-lhe, pois, um saldo de 35 pesos, para gastos eventuaes, comprehendidos entre estes os que se originam da assistencia a qualquer festa ou reunião social.

Como se vê, o ordenado inteiro está calculado para fazer frente a uma situação estavel e normal. Entretanto, quando surge um contratempo, uma enfermidade, uma transferencia de guarnição, tão frequentes até pouco tempo, o desequilibrio apparece, obrigando o official a fazer um emprestimo na sociedade militar.

Desde esse momento os descontos diminuem mais ainda as exiguas entradas, e o desequilibrio inicial agrava-se dia a dia.

Um simples cidadão pôde viver mais ou menos folgadoamente com uma entrada de 420 pesos mensaes. Porque, afinal, elle não tem, nem deseja ter, as obrigações sociaes do official do nosso caso; seu vestuario não é regulamentado, e si é diligente e trabalhador, pôde procurar por outros meios, com relativa facilidade, outros recursos.

O militar, ao contrario, está sujeito a mensalidade correspondente á sua gradação, dedicado em absoluto á sua profissão e sempre exposto ás transferencias de guarnição. A exiguidade de vencimentos, que tem um official europeu, tantas vezes citada para documentar que os nossos ganham mais, não pôde ser levado em conta, dadas as differenças do meio e a fôrma porque aqui e lá se procede ao recrutamento da officialidade.

Os officiaes do exercito europeu são recrutados, geralmente, entre a nobreza ou familias abastadas, que lhes custeiam todas as despesas da carreira até os mais elevados postos da arma a que pertencem.

Lá está regulamentada a fôrma pela qual a familia de cada official deve contribuir e auxiliar a sua carreira e, de outro lado, ao contrahir matrimonio, fal-o sob a condição da esposa trazer-lhe um dote sufficiente para garantir as exigencias economicas do lar. Ao mesmo tempo, é favorecido com os descontos sobre as tarifas de ferro-carris, vapores e outras empresas commerciaes.

(1) Publicado no importante órgão portenho, "La Nacion" edição de 5 de dezembro p. passado. — N. do T.

Finalmente, rara é a situação de serviço em que não tenha sempre uma ordenança que, ao contrario do que sóe acontecer entre nós, lhes prestam um verdadeiro serviço domestico.

Entretanto, aqui, as fileiras da officialidade estão abertas a todos os filhos do povo que se sintam com vocação e reünam as qualidades moraes necessarias para abraçar a carreira mais aventureira e menos remunerada, que á força de tudo exigir aos que a ella se consagram, lhes exige até a vida.

Não pôdem os mesmos officiaes, e dahi a sua honestidade, contrahir dividas e levar uma vida de esplendor com a segurança de um matrimonio que venha normalizar sua situação economica.

Precisamente, porque sabem que nunca contarão com outro auxilio sinão os seus vencimentos, muitos officiaes, na plenitude de sua vida e de suas aptidões, acolhem-se á reforma para buscar em outras espheras de actividade perspectivas economicas mais promettedoras que as do exercito.

Muitas causas têm, sem duvida, contribuido para afastar, nestes ultimos tempos, tantos e tão distinctos officiaes; porém, é por certo a principal a eterna negatividade economica que sobre elles gravita.

A Camara poderia fazer alguma cousa para modificar esta situação, ao discutir o proximo orçamento, sem prejuizo de se occupar, posteriormente, do projecto do Dr. Del Banco ».

Rio — 6 — 2 — 914.

Dr. Getulio dos Santos.

ESTE N.º SAE AUGMENTADO DE QUATRO PAGINAS COMO O N.º 5.

Escrepturação nos corpos de tropa

«Assentamentos da praça constituidos pelo conjuncto de guias»

Estivesse o Exercito organica e administrativamente preparado, affluissem ás suas fileiras annualmente algumas dezenas de milhares de homens, proporcionalmente á extensão do nosso territorio e densidade de população, e nada justificaria a razão de ser da escrepturação de legiões de praças parallelamente á dos officiaes, *como se estivessem todos commummente nas mesmas condições.*

No regimen politico anterior e mesmo nos primeiros annos da Republica, comprehendia-

se que assim fosse, porque o soldado de hoje poderia ser o inferior de amanhã e o official do dia seguinte.

E como as praças eram, assim, profissionais, mourejando nas fileiras quinze, vinte e mais annos e, além disso, tratando-se de um exercito de pequeno effectivo, vá que se dessem aos assentamentos dessas praças a mesma extensão que aos dos officiaes, attendendo-se á razão acima.

Agora, com a lei de sorteio, para a qual nos devemos voltar procurando fazer desaparecer toda sorte de resistencias, o caso muda de figura, provindo, como provém, os officiaes de outra fonte que não da massa geral, nada mais justificando, portanto, esse desdobramento de assentamentos de praças formidavelmente maior que o dos officiaes.

Contemplae, por um momento, os colossaes effectivos dos modernos exercitos da Europa e da Asia, agglomerados humanos de muitas centenas de milhares de homens, preocupados com a instrucção sob as ameaçadoras e bruscas perspectivas das mobilizações e concentrações momentaneas, e vereis que, por força hão de ter reduzidos ao limite do imprescindivel os serviços de natureza burocratica, tendentes, as mais das vezes, a occasionarem verdadeiros empecilhos.

E entre nós mesmo, nas condições precarias do presente, nada justifica, como vimos, collocar as praças de ephemera passagem no Exercito, nas mesmas condições dos officiaes, que constituem os quadros permanentes de educadores da mocidade no preparo da defeza da Patria; quadros esses cujo destino é formar os elos dessa admiravel cadeia que prende todos os filhos de uma mesma patria em torno do pavilhão commum, offerecendo-lhe os sacrificios mais ingentes em pról de seus immarcessiveis louros que não são somente os guerreiros.

Tratando-se das praças, esse serviço de escrepturação deve desaparecer.

Podemos perfeitamente prescindir delle. Presentemente o que succede?

Qual o corpo que tem em dia esse serviço relativo ás praças presentes e passadas?

Quando se faz mister organizarem uma certidão de assentamentos não é ás relações mensaes que geralmente recorrem?

Systematizemos, então, isso de uma vez.

Essas relações, pois, devem continuar exclusivamente a bastar ás unidades administrativas para lhes fornecerem todas as informações no corpo concernentes ás praças, mor-

mente agora que foi creada a relação de alterações annuaes para ficarem archivadas.

Quando sejam as praças transferidas ou engajadas de um para outro corpo (actos que não se justificam sinão em casos excepcionaes, pois é preciso collocar sempre as conveniencias nacionaes acima das dos individuos), os informes mencionados nas guias de *alistamento*, de *engajamento*, de *socorrimento*, etc., conterão o sufficiente sobre data e qualidade de praça, caracteristicos, descontos de tempo, divida á Fazenda, etc.

Nestas condições, a guia fica exercendo uma função do maior interesse.

Este documento poderia passar a ser assim classificado: guia de *alistamento*, de *engajamento*, de *socorrimento*, de *exclusão*, (por conclusão de tempo, incapacidade physica, asyamento, fallecimento, deserção ou expulsão), de *reinclusão* e de *licença*, conforme vamos ver.

Assim, o *indivíduo assentou praça*, a unidade administrativa organizaria na Casa da Ordem, immediatamente, a guia de *alistamento*, como se procedia antigamente, a qual seria assignada pelo ajudante, ou pelo respectivo commandante, quando se tratasse das unidades pequenas, isoladas.

Essa guia extrahida da propria ordem do dia e que deveria ficar depositada na competente pasta do archivo, constituiria, assim, o documento inicial dessa pasta.

A sub-unidade em que fosse o recém-alistado incluído faria, na respectiva relação annual as necessarias alterações, ainda pela mesma ordem do dia regimental, como actualmente.

A praça é engajada no corpo.

A unidade administrativa organizaria do mesmo modo a guia de *engajamento*, que se destinaria á pasta respectiva, como a anterior.

Essa guia torna-se necessaria, não só porque pela sua natureza vae mostrar a nova qualidade de praça do individuo, como porque geralmente a data do engajamento, em via de regra, começa posteriormente ao dia immediato ao em que o individuo conclue a praça anterior.

O individuo, por exemplo, conclue hoje o seu tempo de serviço; mas está no hospital, não sendo por esse motivo nem excluído, nem engajado. Só depois que elle tem alta é que fará as necessarias declarações, sendo então excluído ou engajado, começando o novo periodo de praça da data em que foi publico o engajamento.

No mesmo caso ficam os individuos que requerem engajamentos para outro corpo.

A concessão desse engajamento é sempre publicada posteriormente á data da conclusão do tempo da praça anterior.

A praça é transferida dentro da unidade administrativa de uma para outra sub-unidade, em virtude de acesso, etc.

A primeira sub-unidade extrahê a competente guia de *socorrimento*, que em vez de ficar archivada na segunda, seria, após ser copiada por esta ultima, entregue ao archivo, com destino á pasta da praça em questão, tendo-se nella feito a necessaria declaração de copia, como se procede presentemente.

A praça é transferida para fóra do corpo.

O corpo de onde procede essa praça enviaria á autoridade competente, a respectiva guia de *socorrimento*, somente, como agora, e ficaria aguardando que a unidade onde definitivamente fosse incluída a praça, requisitasse os assentamentos da mesma, equivalendo essa requisição a uma certeza da inclusão da praça em determinada unidade á qual então deveria ser mandado o conjunto de todas as guias que na pasta respectiva estivessem guardadas no archivo da unidade expedidora, inclusive as alterações e certidões que por acaso em original estivessem na mesma pasta.

Esse conjunto de guias não deveria ser remetido ao mesmo tempo com a de *socorrimento*, porque muitas vezes as praças se destinam a outras guarnições, sem corpo designado e vão transitando addidas a alguma unidade até serem classificadas. Neste caso, as unidades a que essas praças vão ficando addidas deveriam fazer na propria guia de *socorrimento* originaria da unidade donde proveio a praça, as necessarias declarações.

Não influindo na computação do tempo de serviço e na conducta do individuo as alterações relativas a baixas e altas de hospital, a empregos, (salvo o caso de emprego externo na mesma guarnição em cujo emprego deva essa praça continuar, quando então se o deveria mencionar na guia de *socorrimento*, como se procede agora) etc., e bem assim as prisões disciplinares leves que não affectem á dignidade do individuo nem da corporação, conforme se vê mesmo do modelo do historico militar e da observação para a escripturação das cadernetas recentemente publicadas, etc., nada disso tem importancia para ser mencionado.

Dever-se-ia mencionar, apenas as faltas

que pela sua gravidade podessem influir para as expulsões.

Como essas faltas reportam-se ao ultimo periodo de praça, que é geralmente pequeno, o resumo dessas alterações é reduzido e comporta-o perfeitamente o corpo da guia.

E' o que ha de mais importante a mencionar, assim como as perdas de tempo por cumprimento de sentença, as dividas á Fazenda Nacional e alguma contagem de tempo.

A praça é excluída do serviço por qualquer motivo, como por conclusão de tempo, fallecimento, deserção, etc.

Proceder-se-ia, como já antigamente se fazia, e a guia de *exclusão* respectiva deveria ir ter ao archivo, para ser annexada á respectiva pasta.

No caso de expulsão, proceder-se-ia do mesmo modo.

A praça é reincluída por deserção.

A competente sub-unidade organizaria a respectiva guia, de accordo com o que fosse publicado na ordem do dia regimental, e essa guia se destinaria á pasta correspondente.

A praça segue a algum destino com licença.

Levaria a necessaria guia, e ao regressar a apresentaria ao corpo, com as declarações nella feitas pela autoridade competente do logar onde a praça gozou a licença, como succede actualmente.

De forma que esse conjunto de guias, successivamente organizado, bastaria para dar as precisas indicações da vida militar da praça.

Esse movimento de guias, comprehende-se, simples, economico, pratico e possivel, reuniria todas as vantagens das cadernetas, sem apresentar as desvantagens que ellas occasionariam.

Não forneceriam essas guias os dados sufficientes que mais de perto possam interessar aos corpos?

Pelo exposto, podemos concluir a these: as praças não precisam ter assentamentos organizados, como os dos officiaes.

Uma observação

A' proposito de guias, conviria a bem da presteza do serviço, economia de tempo, de trabalho e de material de expediente, que fosse mandado ficar sem effeito a N. B. do verso do modelo 34 (guia de soccorrimento) na parte em que manda que essas guias passadas pelas sub-unidades fiquem archivadas nas Secretarias, passando-se ahi outras que

serão assignadas pelo commandante do corpo.

Não se vê ahi o accumulo extraordinario de serviço para a Secretaria em consequencia dos deslocamentos tão avultados e frequentes de praças?

Os corpos do Norte, por exemplo, que fornecem para o Sul contingentes numerosos constantemente, não se vêm assim assoberbados por um serviço premente e inteiramente dispensavel?

Porque as guias assignadas pelos respectivos commandantes de sub-unidades não podem merecer fê?

Quem mais competente que esse official para indicar na propria guia de uma de suas praças as alterações sobre vencimentos, fardamento, qualidade de praça, etc.?

Tanto mais pondo-lhes o visto os respectivos maiores de batalhões e grupos incorporados?

Esses batalhões e grupos incorporados não confeccionam os mappas do movimento do pessoal e dos animaes e as relações trimestraes que lhe dizem respeito, destinadas ás Brigadas, ao D. A. e ás Divisões do D. G.?

Por que não poderão as guias de soccorrimento, delles providas, tambem ser remetidas pelo regimento sem esse previo trabalho exhaustivo de copia para ficar no archivo, quando qualquer esclarecimento que necessario se torne com relação aos dados inherentes a essas guias, a propria sub-unidade a que pertenceu a praça pôde fornecer, como succede habitualmente?

Aliás, o N. B. em questão não tem sido sempre geralmente observado pelos corpos devido aos inconvenientes que da sua pratica resultariam.

Resolução das difficuldades attinentes a empregados

Adoptada a solução acima sobre os assentamentos das praças e a indicada em artigo anterior sobre os dos officiaes, estaria implicitamente resolvida a questão eterna de empregados idoneos e em numero sufficiente para as necessidades da escripturação, pela razão muito simples de não serem mais precisos esses empregados.

O archivista do regimento e uns tres ou quatro empregados mais bastariam para o serviço de organização de indices de ordens do dia e matriculas de reservistas, uns; de officios e informações e correspondencias, outro, e para organização de fês de officio e certidões para medalhas, conselhos, etc., um

ou dous, tendo sido dada ao problema geral uma solução simples, pratica, economica, radical emfim.

As cadernetas de reservistas devem passar a constituir escusas

E' tambem uma innovação que se impõe, complementarmente.

Na Monarchia, quando os individuos eram voluntarios por 6 e mais annos e serviam em regra por longos prazos e tambem por ser muito mais reduzido o effectivo normal do Exercito, o movimento das praças excluidas por baixa era relativamente muito pequeno, havendo mesmo necessidade de que se desse a cada individuo excluido, como salvo-conducto, a sua escusa, salvaguarda comprobatoria de que havia o seu portador sido excluido legalmente do serviço, afim de não poder ser imputado desertor, tanto mais que naquelle tempo não havia a caderneta de reservista.

Hoje, porém, as circumstancias são diferentes, não só o numero de excluidos annualmente em todo o Exercito é muito grande, orçando por varios milhares de individuos, como porque o Regulamento do Sorteio estabeleceu a caderneta de reservista, documento que comprova cabalmente o tempo de serviço prestado pelo seu portador, com declaração de sua exclusão legal do serviço activo, etc.,

Esse documento satisfaz plenamente.

Para que fiquem ainda os corpos na obrigação de passar centenas e centenas de certidões, com grandes dispendios de material de expediente e sobrecarga de trabalhos excessivos sem nenhum resultado para a Nação?

Ao Exercito deve patrioticamente preoccupar a manutenção de suas reservas. Não deve elle arvorar-se em protector de interesses da massa geral dos individuos que por elle vá passando com o fim de ápurar tempo, por acaso, para proventos da vida civil. A missão delle é outra. Quem precisar, no interesse proprio e não no do Estado, de contar tempo para melhorar aposentadorias futuras etc., que o requeira á autoridade competente, sujeitando-se ao pagamento do sello na forma da lei. O interesse em jogo ahí não é do Estado, é do individuo. Ao Estado ao contrario é mais conveniente não fornecer essas certidões, ex-officio, o interesse da Nação devendo falar mais alto que os dos individuos.

E' essa uma despesa a supprimir. E o Exercito precisa cortar a fundo o que fôr

superfluo em dispendios e em trabalhos que o entrem.

Assim, deve cessar desde já a obrigação que têm os corpos de passar as escusas, bastando-lhes expedir as cadernetas de reservista para justificar a escusa legal dos seus portadores.

Passando então essas cadernetas normalmente a exercerem tambem o papel de escusas, devem ser, por isso, extensivas aos individuos que forem excluidos com baixa por incapacidade physica e mesmo por expulsão, mencionadas estas circumstancias que os isentam legalmente da obrigação de comparecer ás linhas de tiro e das incorporações para manobras a que estão sujeitos os reservistas propriamente.

A entrega dessas cadernetas deverá ser publicada na ordem do dia regimental, afim de que conste da respectiva *guia de exclusão*, ultimo documento que na pasta do individuo irá limitar o cyclo da respectiva actividade.

João Freire Jucá

1.º Tte. do 1.º R. de Inf.

Questões de artilharia

RESUMOS E CONTROVERSIAS

III

São os canhões de campanha aptos a atirar com qualquer desenfiamiento sobre todos os objectivos, onde quer que se faça mister, no campo de batalha?

Certo que não. Trajectoria tensa, pouco alcance efficaz, fraco effeito destruidor, a acção da artilharia de campanha 75 está fatalmente limitada a reduzido numero de missões no campo de batalha. E essa redução será tanto maior quanto mais avultado fôr o numero de canhões de grande alcance que o adversario possuir.

Tem-se visto, de facto, qual a doutrina que ultimamente se ha tornado victoriosa em relação ao emprego technico e tactico da artilharia.

E' conhecida a interessante controversia gerada no embate das idéas francezas com as allemãs, os francezes, partidarios da neutralisação da artilharia, apologistas das contra baterias, entusiastas da manobra, mas resignados a uma lucta sempre renascente da poderosa arma; seus oppositores preconizando e con-

sagrando em seus regulamentos a destruição total das baterias pelo emprego energico e concentrado do fogo de massas, do duello, da contra-artilharia.

Quem, parece, leva vantagens neste prélio verdadeiramente internacional, dizem os ensinamentos das ultimas guerras e insuspeitas auctoridades francezas, não são os compatriotas de Langlois, mas os de Rohne.

Não ha muito tempo, ao regressar do theatro da recente lucta dos Balkans, para onde seguira em missão muito especial, publicou o general francez Herr um valioso estudo em que se encontram as seguintes conclusões :

1º) A lucta de artilharia é necessaria.

2º) A artilharia pode-se propôr a destruição do inimigo.

Essa destruição impõe-se para aniquillar o adversario e volver contra elle duas armas com a liberdade proporcionada pela ausencia de artilharia contraria.

Quaes os meios recommendaveis para a consecução deste desideratum de aniquillamento, o illustre general francez cita os mesmos que os allemães já consagraram : os fogos convergentes da artilharia de campanha com os dos canhões de longo alcance.

Nosso Regulamento Provisorio, diz o general Herr, adoptou, no que concerne ao emprego da artilharia no combate a maior parte das doutrinas que tem tido curso nos ultimos annos.

Partindo da idéa de que a destruição da artilharia é difficil e que a da infantaria é impossivel, elle foi levado logicamente a exaltar a neutralisação, a divisão *a priori* dos esforços contra a infantaria e a artilharia inimigas e a regeitar uma lucta sem sanção.

A guerra dos Balkans provou, ao contrario, que a destruição dos objectivos é possivel graças ao emprego de projectis convenientemente organisados e do aeroplano.

Ella poz em evidencia o perigo da concepção da batalha sem lucta de artilharia para por definitivamente em inferioridade a artilharia adversa

E' da mais alta importancia que o Regulamento affirme estes principios :

Concentração dos esforços *a priori* contra a artilharia inimiga até á sanção definitiva e só em seguida a impulsão vigorosa da infantaria.

Mas si quizermos obter a superioridade na lucta de artilharia, prosegue o citado official, será preciso que empreguemos os meios apropriados.

E' imprescindivel dispôr de peças de longo alcance diante de um inimigo que as possua; não ter nenhuma em face de um inimigo aparelhado é um serio perigo.

Para o general, o projectil deve satisfazer á condição de permittir o tiro de ballins cujos effeitos são menos localizados do que os da granada explosiva sobre o pessoal mesmo, abrigado pelos escudos do canhão ou pelos espaldões. E' preciso dar-lhe uma gerba eventualmente muito aberta; alem disso, deve permittir a destruição do material de artilharia, para o que deverá ter uma carga suppletiva de melinite.

Vae-se assim ao projectil "universal" que a Allemanha adoptou para seu obuzeiro leve 10,5.

Quanto aos canhões de longo alcance cujo calibre deve ser em media de 100^{mm}, elles devem constituir baterias que façam parte integrante do corpo de exercito, cumprindo-lhes :

1º Collocar-se em bateria ao mesmo tempo que a artilharia de campanha propriamente dita e por vezes antes della; 2º executar contra os objectivos mascarados tiros sobre zonas nas mesmas condições de tempo que as baterias 75.

Manifesta-se assim um official francez interessado em ver resolvida uma controversia que ultimamente deixou de ser internacional para tornar-se apenas uma scisão dentro do proprio paiz.

Sem considerarmos as divergencias suscitadas no seio dos proprios adeptos da artilharia pesada, quanto aos principios que devem presidir á direcção a dar-lhe no campo de acção, em França, realmente, ainda são muitos os partidarios do emprego exclusivo da artilharia 75, "daquelles que lhe reservam todos os mistéres do campo de batalha", (Capm. Glück).

Estudando os effeitos dos projectis de grosso calibre, concluem elles que estes canhões não tem acção mais efficaz do que o de campanha sobre os objectivos contra os quaes se manifesta a impotencia destes ultimos, e que, em qualquer caso, os resultados obtidos não correspondem ao gasto excessivo de munições.

A artilharia deve ajudar a infantaria a avançar e atirar sobre tudo quanto se oppuzer á sua progressão, affirmam ambos.

Mas os partidarios dos canhões de campanha argumentam :

Contra a infantaria descoberta, em formações tenues, alvos essencialmente fugitivos,

é o canhão que deve ser empregado, porque só elle poderá attender mais promptamente ao objectivo e porque sua trajectoria tensa permite varrer o solo quasi horizontalmente sobre grande profundidade.

Contra a infantaria abrigada atraz das trincheiras, sebes, fossos etc, todos os obstaculos praticamente indestructiveis pelo canhão de grosso calibre, empregar-se-á a artilharia de campanha para neutralisar os defensores, impedindo-os de atirar.

Contra as orlas dos bosques e das localidades, contra as defezas accessorias, o canhão de campanha é igualmente sufficiente.

Contra a artilharia visivel ou meio enfiada, o canhão de campanha será do mesmo modo empregado. Atirar-se-á com schrapnells para sustar ou attenuar o tiro do adversario e permittir a infantaria amiga avançar; depois passar-se-á ao tiro a demolir. Seja dito de passagem que se entende aqui por tiro a demolir aquelle que visa a destruição do material, sendo, por conseguinte, um tiro que exige, antes de tudo, muita precisão.

Contra a artilharia desenfiaada poder-se-á ensaiar um tiro, ou melhor, um chuveiro de projectis com canhão de campanha. Seria loucura com um de grosso calibre, pelo menos com os projectis actuaes.

Contra as reservas de infantaria geralmente desenfiaadas a grandes distancias, perduram ainda as mesmas razões.

Contra as tropas cobertas por abrigos á prova dos projectis de campanha, desde que estes estejam accumulados em espaços de fraca estensão; contra grandes obras semi-permanentes, pontos de apoio particularmente solidos (bosques, localidades, etc.) e sobre os quaes se houver reconhecido a impotencia do canhão de campanha, poder-se-á fazer appello á artilharia de grosso calibre. Um tiro methodico poderá conseguir a destruição completa da obra; entretanto, devido aos effeitos localisados dos projectis de grosso calibre, ninguem estará certo de haver attingido o pessoal que se poderá abrigar, durante a demolição, nas visinhanças do alvo.

Oppondo-se a este modo de vêr, como partidario dos canhões de grande alcance, responde o capitão Glück aos argumentos acima: (*Obusiers de Campagne et artillerie lourde*).

Nosso canhão 75 é claramente falho nos seguintes pontos:

1º) Sua trajectoria tensa não permite attingir os objectivos situados em angulo morto.

Em sua opinião, nem a manobra que tem limites, nem o flanqueamento sobre o qual é

“particularmente sceptico” resolvem a questão do espaço morto. Não se encontrariam frequentemente boas posições para flanquear; muitissimas vezes seria preciso que nos approximassemos da linha inimiga sem a certeza de encontrar boas mascaras lateraes para esconder os canhões.

Concede-se a possibilidade de estabelecer baterias em capoeira, sobre uma frente restricta, no combate de pequenas unidades, mas si se trata de uma longa linha de artilharia, isso será verdadeiramente impossivel.

Outras vezes as posições desenfiaadas de onde se poderia agir de revêz estariam a distancias superiores ao alcance do canhão de campanha.

2º) Pelas razões acima elle não poderá apoiar um ataque de infantaria.

3º) O canhão 75 falha contra os objectivos muito desenfiaados atraz de uma crista, em particular sobre uma inclinação visinha do angulo de queda.

O tiro de tempo da granada explosiva poderia, pela abertura de sua gerba, prehencher esta lacuna; mas a dispersão do tiro de tempo nas distancias medias e maximas, aceitavel para o schrapnell parece inadmissivel ás granadas explosivas cuja zona de ação é restricta. Os proprios allemães com seus obuzeiros cujo projectil universal tem a zona de acção extensa concordam que seja necessario um tiro muito preciso para obter resultados apreciaveis.

4º) A granada explosiva é inefficaz nas distancias superiores a 5.000 m.

Pode-se ainda acrescentar que o 75, naturalmente fraco contra o pessoal abrigado nas orlas dos pontos de apoio, se torna quasi nullo contra estes pontos de apoio mesmos.

E não esqueçamos da menor força moral de seus projectis perante a grande força de desmoralisação do grosso calibre.

São essas, em resumo, as idéas pró e contra que se disputam a primazia em França.

Vale a pena agora vêr como, em Alem-Rheno, foi abordado o problema.

Nossa artilharia pesada, diz o capitão *Friederich*, do estado maior bavaro, não era a principio senão uma arma especial destinada a permittir ao exercito de campanha a destruição dos fortes-barreiras.

A esta missão juntou-se uma outra — a de completar de uma maneira mais efficaz e mais decisiva os effeitos insufficientes do fogo da artilharia de campanha contra as posições fortificadas do campo de batalha. (*Tactique de l'artillerie lourde*).

O regulamento de exercicios de 1908 re-

sume as missões actuaes da artilharia pesada nestes termos : *em colloaboração com a artilharia de campanha, abrir á infantaria o caminho da victoria.*

Modificações posteriores, approvadas em Junho de 1911, com uma 2ª edição em 1912, precisam mais as condições de seu emprego, um tanto vagas até então, e mostram que para os allemães a artilharia a pé é verdadeiramente uma quarta arma do campo de batalha : *A artilharia a pé deve apoiar a infantaria de concerto com a artilharia de campanha.*

As modificações recentes sublinham ainda mais claramente a missão fundamental da artilharia pesada, sendo, em primeiro lugar : *pôr fóra de combate a artilharia inimiga.*

(Obusiers de Campagne, etc).

O valor inestimavel da artilharia pesada no ponto de vista tactico, diz o capitão Friederich (*ob. cit*) é que ella permite tornar o mais cedo possivel a massa da artilharia de campanha disponivel para a lucta contra a infantaria inimiga.

A nova arma apparece assim no presente com a missão definida de desembaraçar a artilharia de campanha da artilharia adversa, de destruir os obstaculos sobre os quaes esta é impotente e com ella collaborar no apoio imprescindivel á infantaria amiga em sua marcha de accesso ás posições a conquistar.

Verdadeiramente, a artilharia pesada apenas reaparece; e si essa *reprise* ocorre em detrimento da mobilidade e do alongamento das columnas, em compensação, ella vem prehencher uma lacuna que a artilharia de campanha não pôde fazer-o.

Nós voltaremos com mais detalhes sobre esta importante questão.

Pompeu Cavalcante.

1.º Tenente

PRAXES A ELIMINAR

Quasi todos os annos por occasião de serem discutidos os orçamentos militares no Congresso, o Exercito é preso na berlinda parlamentar. As razões do encafuamento variam muito, mas as mais constantemente batidas são o exagerado dispendio com a pasta da Guerra e a intromissão do Exercito na politica.

São allegações um tanto nebulosas, especie de symbiose entre a verdade e a

mentira, porém que, feita a separação entre o joio e o trigo, podem dar uma boa colheita de conclusões proveitosas.

Como bem affirmou o illustrado chefe do Estado-Maior do Exercito, não se pôde dizer que a Nação faz demasiados gastos com as forças de terra, porque, para ter um Exercito efficiente, seria mistér gastar ainda mais.

O que se pôde dizer é que o credito consignado no orçamento da Guerra é mal aproveitado, empregado muitas vezes em serviços desnecessarios ou em cumprimentos de praxes daminhas que se enraizaram entre nós como o *visco* se arraiga á laranjeira.

Os serviços annexos são uma consequencia da existencia da tropa. Taes serviços só devem ser ampliados, quando o augmento do effectivo desta assim o exige. Entre nós dá-se exactamente o contrario. Os serviços annexos, alguns até desnecessarios, passam a ser verdadeiras instituições autonomas e até mesmo independentes. Recebem reformas quasi que annuaes no sentido de melhorar vencimentos, augmentar o numero de funcionarios, encompridar honrarias e esticar o numero de galões e de postos elevados, coisas estas que com tal força viçam nos arraiaes da nossa desorientação que não surprehende ve-las desabotoar em bordados de general.

E assim crescem e se multiplicam esses quadros, muitas vezes simultaneamente. oh! cruel ironia, com uma diminuição do effectivo da tropa! E essa tropa assim sobredesfalcada deixa de aproveitar o unico minuto que lhe resta para a instrucção. afim de ir montar guarda ás velhas, ás novas e ás novissimas repartições em que se desdobram os serviços que só deviam existir para utilidade e beneficio dessa mesma tropa! Nesta inversão da ordem cosmica, o planeta, empobrecido e anemico, passa a gravitar em torno dos satelites hypertrophiados.

Em dias de grande velocidade nesse galope para o abysmo, fomos involuntariamente testemunha e comparsa em uma anedota um tanto comica, porém profundamente logica. Um espirito gaiato, servindo-se de informações bebidas em *fonte autorizada*, conseguiu convencer a um barbeiro que ia ser creado no Exercito um corpo de officiaes capilares com carreira até o posto de capitão, mas susceptivel de ser de futuro dotado com o generalato

O artista capilar metteu-se em campo, começando o ataque pelos seus freguezes militares, aos quaes pedia, com bons argumentos, apoiassem a sua pretensão. Quando nos coube a vez, em vão tentámos dissuadi-lo dessa idéa. O bom homem estava irreductivel; queria e havia de ser capitão barbeiro. Era compadre de dois generaes, tinha muitos amigos e freguezes militares e, além disso, achava muito mais necessários ao Exercito os serviços capilares do que os trabalhos dentarios. Citava então exemplo de pessoas que haviam amanhecido simples compadres de generaes e que anoiteceram capitães dentistas.

Terminamos concordando em que o bom homem estava cheio de razões e promettemos fazer o *impossivel* em seu favor. Elle nos agradeceu com um robusto aperto de mão, os labios entre-abertos num translucido sorriso de contentamento, os olhos pequeninos e esverdeados a chisparem raios de esperança e de sympathia pelo seu futuro subordinado, enquanto nós, com subordinação e respeito, liamos, naquella sorriso bonançoso e naquella olhar penetrante, a *lealdade*, o *zêlo*, a *intelligencia*, e a *disciplina* do nosso futuro general barbeiro.

Esta anecdota vale por uma psychologia dos nossos costumes marciaes.

Entrando em detalhes sobre este assumpto teriamos demasiado que dizer para um artigo de revista. Aos poucos, iremos examinando o nosso doente, não sendo de extranhar que o diagnostico final seja mais ou menos este:—Anemia profunda de origem parasitaria e hypertrophia do appendice determinada por amollecimento cerebral; curavel, mediante mudança de rumo.

Avultam nos orçamentos da Guerra as innumerables sobrecargas creadas pelo proprio Parlamento. Poucos mezes depois da reorganisação de 1908, o Congresso resolveu ampliar extraordinariamente um dos quadros annexos e o fez de tal maneira que officiaes desse quadro que ainda se entregavam aos brincos infantis quando outros, combatentes, já eram officiaes com o curso das armas, vieram a ser capitães enquanto os outros ainda marcavam passo nas fileiras com o posto de 2.^o tenente!

E' verdade que nem todo o desperdicio corre por conta do Congresso. Ha uma boa parte que deslisa por conta das perniciosas praxes que nos dominam. Dentre muitas,

citemos uma para exemplificar: a das transferencias, de um modo geral.

Não quer isto dizer que não se devam fazer transferencias. Ha umas que são directamente necessarias ao interesse publico e outras indirectamente uteis ao interesse geral, por serem determinadas por um justo interesse pessoal que se reflecte sobre a collectividade, como nos casos de molestias curaveis com mudança de clima, ou que determinem necessidade de estadia em centros de maiores recursos.

Entretanto, uma estatistica bem feita, principalmente se abrangesse grande periodo, demonstraria que na grande maioria dos casos as transferencias obedecem a devaneios forasteiros de officiaes e praças e a caprichos politiquieiros de chefetes locais que não pôdem admittir que os militares que têm a desventura de servir em seus feudos tenham a altivez de se negar ao papel de arlequins da politiquice interesseira e desnorteada.

São muito communs as transferencias de praças de uma Região para outra, acto a que as autoridades superiores são quasi sempre forçadas em face do desgraçado systema de recrutamento que ainda adoptamos, mas as ha tambem menos justas e mais prejudiciaes como sejam as transferencias e a admissão de engajados de uma arma para outra. A praça que em dois annos de serviço passar pelas differentes armas, acabará sabendo menos do que quando se alistou como recruta, além de haver proporcionado maiores despezas ao governo. O engajado que passeia de uma arma para outra é um factor de despeza inutil. Não poderá, é claro, ser reservista de todas as armas ao mesmo tempo e assim ficam completamente perdidas as sommas gastas com elle a partir do primeiro engajamento. Geralmente o que se engaja tem a mania de viajar á custa do Governo e dahi que se engajem para as Regiões do Norte de onde é mais facil voltar, pela carencia de voluntarios no Sul.

Como a administração da Guerra tomasse ultimamente a acertada medida de impedir os engajamentos para o Norte, os gajos mudaram de tactica: dão baixa e declaram ir residir no Amazonas. O Governo paga-lhes a passagem, como é de lei, e, lá chegando, assentam praça de novo e fazem a viagem para o Sul e assim por diante, como inuteis e *viajadas* sangue-sugas do erario publico.

Agora outro facto mais grave ainda, porque, além de conter em seu bojo todos os inconvenientes acima ennumeradas, vem ainda desorganisar a instrucção e retirar o estímulo que poderiam ter os pouquissimos voluntarios de preparo regular e de bons costumes que se alistam nas fileiras.

Como a vida aqui no Rio é divertida, porém um tanto difficil para os mocinhos vadios e ignorantes, muitos delles se utilizam de um estratagemma que lhes proporciona a commoda situação de pensionistas do Estado. Munem-se de empenhos de politicos e assentam praça para Regiões cujos corpos estão quasi sempre desfalcados pela carencia de voluntarios. Lá chegados, ou porque fiquem sendo os mais letrados da tribu, ou porque disponham de empenhos, são geralmente promovidos e correm até o posto de sargento. Está preparada a pensão. Agora mais um empurrão é o sufficiente para trazel-os ao paraizo. Dahi a grande plethora de inferiores em quasi todos os corpos desta guarnição, onde elles vêm prehencher as vagas, ficando ainda um grande numero de addidos ou aggregados esperando que lhes toque a vez, quando não se apinham como cogumelos nas repartições militares.

Este facto além do desfalque pecuniario que causa ao Estado, acarreta graves prejuizos para a instrucção, porque, quasi que na totalidade esses inferiores são absolutamente incapazes de exercer as suas funções. Por outro lado os cabos e anspeçadas que nesta guarnição começam a ser feitos com relativa regularidade, atravez de concursos em que demonstram nma certa somma de conhecimentos, vêem eliminadas todas as probabilidades de um accesso. O prejuizo pessoal que elles soffrem reflecte-se sobre a instrucção e sobre a disciplina. Sobre a instrucção porque, conhecendo-a, seriam por certo melhores auxiliares dos officiaes do que aquelles que não a conhecem nem podem conhecer por falta de elementos intellectuaes e muitas vezes moraes. Sobre a disciplina, porque reconhecendo a sua superioridade intellectual, proffissional e algumas vezes moral sobre essa casta de superiores hierarchicos, não pôdem aquelles graduados depositar nelles a confiança necessaria.

Ahi estão esses factos, fructos de habitos e praxes cuja eliminação será uma obra de patriotismo. Acreditamos que não seja facil, num meio falho de educação civica

como é o nosso, levar de vencida a inercia desse peso bruto de erros accumulados durante tantas gerações, mas estamos na brecha e somos daquelles que ainda depositam inteira confiança na intelligencia, na honorabilidade e no patriotismo dos nossos directores.

*
* *

A intromissão do Exercito na politica não é rigorosamente uma verdade, nem positivamente uma mentira; participa dos dois attributos.

Ha no Exercito um grande numero de bons elementos, mas ha tambem alguns que ainda não se compenetraram da missão que lhes cabe e dahi a facilidade com que escorregam em perigosos deslises, arrastando forças que só se deviam votar á defeza da Patria e da Republica.

Que o militar intervenha individualmente na politica, é constitucional e ninguém de bom senso lhe pôde negar esse direito que seria ainda mais respeitavel se acarretasse a perda das vantagens militares decorrentes do tempo de serviço.

O que é condemnavel é o emprego do arrastão, principalmente do de malha miuda, que arrebanha incautos cardumes e explora a sua inconsciencia em beneficio de interesses bastardos.

O Exercito já uma vez se negou a perseguir escravos foragidos e o fez, sem leveza, com honra, disciplina e altivez. Foi esse acto, talvez, a semente mais fecunda, o elo mais forte da corrente bemfazeja que promoveu a libertação dos escravos.

Talvez não esteja longe o tempo em que não só seja totalmente surdo ao canto das sereias opposicionistas, como tambem saiba resistir a suggestões anarchicas emanadas de algum atrabiliario que surja no scenario politico e que tente lançar mão da força armada para fins não comprehendidos na dignificante e difficil missão de defender a Patria. (*)

Como flôr que desabrocha da escuridão de um lago, do meio deste amálgama de praxes obscuras e de costumes deprimentes, vem surgindo, esplendente de luz, uma outra geração de idéas.

(*) Este artigo estava composto para o n. 5, onde deixou de ser incluído por falta de espaço. Sem duvida o trabalho perdeu de oportunidade, mas em compensação ganhou de importancia por ser escripto antes dos acontecimentos imprevistos que entremetentes tiveram lugar, confirmando de maneira incontestavel a these acima: *O Exercito não quer saber das solicitações da politica, venham d'onde vierem.* — Klinger.

E' um ideal que surge e que se vae definindo lenta mas energicamente, como em um crepusculo em que a luz do futuro vae espancando a sombra do passado. Surge e caminha. Já tem proselitos em todas as camadas e ainda ha de avassalar a todos os corações brasileiros.

E' a geração militar que vem sahindo da lura da indiferença e ainda ha de desabrochar em luz nos horizontes patrios com a organização regional e o serviço militar obrigatorio.

Façamos então da tropa o planeta, dos serviços annexos os satelites e, para completar o systema, rodando sobre o eixo da disciplina, gravitemos pela orbita da instrucção em torno da nossa estrella mater — a Defeza da Patria e da Republica.

Brasilio Taborda

CADERNETA DE RECONHECIMENTO

Uma das missões mais importantes, e por isso mesmo das mais bonitas, do official de cavallaria em campanha, é sem duvida a de commandante de patrulha, em que as qualidades pessoas são tão seguidamente postas á prova. Elle é o enviado do general com o fim de observar; de sua actividade póde depender a sorte das armas na batalha. Por isso, deve ser conhecedor das intenções do seu general e ter capacidade de julgamento sufficiente para avaliar as vantagens e razão de ser dos movimentos inimigos.

Mas, a missão do commandante da patrulha não será em nada satisfeita si elle sómente observar: é preciso tambem que elle communique a seu general o que viu. A patrulha envia sua comunicação escripta por um de seus homens e continúa a observar.

Para satisfazer a seu fim — esclarecer o general sobre a situação, natureza, força, composição (e ás vezes intenção do inimigo), — é necessario primeiramente que a comunicação revele claramente e com rigor o que a patrulha tenha observado, na mais curta phrase possivel. Toda comunicação deve, pois, ser verdadeira, curta e clara.

Verdadeiro em campanha é aquillo que se tem observado, ou pelo menos, de que se tem conhecimento justo. E aliás é preciso ainda haver o cuidado de afastar os exageros de uma apreciação má. Tudo que constitue suposição, ou é informação de outrem, deve

ser tornado claro; por ex.: «Uma columna em marcha, que parece ser a que acantonou...» Ou ainda: «Dizem os habitantes de...»

Si se tem observado alguma coisa a grande distancia, é tambem recommendavel accrescentar ao texto: — «observado á distancia de » kilometros.

A concisão auxilia á clareza e exige reflexão.

Uma comunicação curta é lida em pouco tempo e deixa resaltar á leitura sómente o que é importante. Poupa o tempo a quem escreve e depois a quem lê.

A clareza evita as falsas supposições. Ella depende do estylo e da lucidez do espirito de quem escreve. O commandante de patrulha ao escrever sua comunicação não deve esquecer que o seu destinatario tem no momento muita cousa que lhe preocupa a imaginação e póde receber ao mesmo tempo mais de um despacho.

A boa caligraphia facilita a leitura. A lettra deve ser grande e legivel mesmo com pouca luz.

Um croquis do terreno, esboço das posições inimigas, facilita a comprehensão do texto. O croquis deve conter sómente a região que interessa á comunicação.

Toda comunicação para ser completa deve conter: **a)** — *Remettente* (em cima e á esquerda). Não se trata aqui do nome do commandante da patrulha e sim da designação da patrulha; por ex.: patrulha de off. I. C. I. — Campinho — Campo-Grande. (I. C. I. significa 1.º Esquadrão do 1.º Regimento de Cavallaria).

As comunicações devem ser numeradas seguidamente na ordem em que são expedidas, para que o destinatario se aperceba si alguma se extraviou, bem como para facilitar uma referencia em comunicação posterior a episodio já participado; por ex.: (na comunicação n.º 3) «A ponte do aterrado de Itaguay sobre o Guandú (vide croquis comunicação 2).....», ou «o esquadrão que na comunicação 1 disse marchar estrada Portinho para Irajá, acha-se em alto guardado.....»

b) *Logar de expedição*. — E' o logar onde é escripta a comunicação, que tanto quanto possível é o ponto de observação. No caso em que isto não se dá é necessario tornarlo claro no texto da comunicação. Desta forma pode o destinatario conhecer por onde anda a patrulha e em que região ella está reconhecendo.

Tambem esta indicação deixa perceber pela carta si o commandante da patrulha escolheu bem seu ponto de observação e a que distancia observou.

No caso em que o ponto de observação escolhido pela patrulha não é o mesmo da expedição da comunicação, como por exemplo, quando a patrulha é forçada a abandonar subitamente o ponto de observação em face de um ataque inesperado, para depois, fóra do alcance do inimigo, escrever o que viu, ou mesmo quando sua permanencia no logar de observação torna-se perigosa, é de muita utilidade uma declaração deste genero: — «observado a 600^m do Morro do Leme».

c) Dia e hora da expedição. — É um dos pontos mais importantes da comunicação.

Pela hora pôde o destinatario fazer seus calculos admittindo as disposições presumiveis do inimigo. Juntamente com o logar da expedição, a hora da partida da informação fornece um elemento ao destinatario para conhecer da actividade da patrulha, e portanto augmentar ou diminuir sua confiança nos serviços que ella lhe pôde ainda prestar. Por isso mesmo, e porque causam confusão, devem ser evitadas referencias taes como: — hoje, hontem, etc. — sendo preferivel escrever a data.

O dia, mez e anno escrevem-se abreviadamente segundo a forma usual — 23-10-13; uma noite escreve-se: *noite 23/24 Outubro*. As horas e minutos são escriptos da forma seguinte: — 8²⁵, significa 8 horas e 25 minutos da manhã; 14⁰, significa 2 horas e meia da tarde. Meio-dia escreve-se 12⁰, e meia-noite — 24⁰. Um minuto depois de meia-noite: — 0¹. (1)

d) Destinatario. — Evitar escrever o nome do destinatario, sendo preferiveis as formas: Ao Sr. Commandante do 1.º Regimento de Cavallaria;

Ao Sr. Commandante da 1.ª Brigada estrategica; ou:

Ao Sr. Commandante do Partido Azul, etc.

e) Informações sobre o inimigo. — A tres pontos deve se referir uma informação sobre o inimigo para ser completa:

- 1.º — Situação do inimigo no terreno;
- 2.º — Sua natureza, força e composição;
- 3.º — Sua actividade no momento da observação.

1.º — *A situação do inimigo no terreno é dada pela designação das cidades, villas, povoados, etc., junto a que elle está, ou estrada,*

das, campos, etc., em que marcha, rios que atravessa; emfm, pelos accidentes do terreno que podem precisar por sua referencia a localização da tropa que é objecto da comunicação.

As expressões «direita», «esquerda», «a frente», «a traz», «do lado», «para cá», «para lá», e outras semelhantes, devem ser evitadas. As duas primeiras são acceitaveis quando se referem ás margens de um rio, que por sua importancia não pôde ser desconhecida a direcção de suas aguas.

A designação dos pontos cardeaes é então preferivel. Mas, tambem, sob este ponto de vista, deve haver cuidado quando se quer designar as sahidias de uma cidade, que as tem mais de uma na mesma direcção. Assim, por ex.: a sahida Oeste do Rio de Janeiro pôde ser por Pilares, ou pela estrada Ignacio Dias. Neste caso é preferivel escrever — «sahida por Pilares» ou «sahida pela estrada Ignacio Dias».

Os nomes dos accidentes do terreno devem ser escriptos com a orthographia da carta que se está utilizando, maximé quando se está em paiz estrangeiro. Aquelles accidentes cujos nomes são communs a outros devem ser designados por mais uma referencia que os distinga perfeitamente; assim por ex.: — como ha no Districto Federal dois morros Redondo, um fazendo parte da serra do Barata e outro a 5 km. ao norte da povoação da Pedra, para que se distinga o segundo do primeiro é necessario escrever: «no morro Redondo, ao Norte da Pedra».

As estradas são designadas, ou por seus nomes — Camorim, Ilha, etc., — ou pelas cidades, ou povoados, que ligam — estrada-Bom Successo-Ramos.

Empregando esta ultima fórmula si se diz, por ex., «um destamento inimigo em marcha pela estrada» «Sepetiba-Curral Falso», está subentendido que elle vae de Sepetiba para Curral Falso, sendo superfluo qualquer escla-recimento neste sentido.

2.º — *O conhecimento da natureza, força e composição da tropa inimiga é quasi sempre tão util como o da sua presença em tal ou tal ponto.* Por isso devem os commandantes de patrulhas procurar conhecer esses dados importantes a informar ao seu general, avaliando quando a distancia e a cerração não lhes deixam observar precisamente.

A determinação da força e composição do inimigo exigindo uma observação mais demorada, estabelece-se logo duvida no espirito do commandante da patrulha si deve commu-

(1) As horas e minutos devem ser escriptos só depois da comunicação prompta, para que representem o momento preciso de sua expedição.

nicar immediatamente sua presença e depois em comunicação seguinte dar conhecimento de sua força e natureza, ou si, observando mais longamente, deve deixar tudo para comunicar em um só despacho. Desta duvida só por si mesmo pôde elle tirar-se, de accordo com a vantagem que perceba em uma informação immediata. No caso em que grande massa inimiga marcha a pequena distancia da nossa, não ha duvida que se deve dar disso conhecimento immediato á tropa em perigo. Quando, porém, as distancias são grandes, ou o inimigo se acha em repouso, faz-se uma observação mais demorada, para mandar-se no primeiro despacho as informações possiveis sobre sua natureza, constituição e força. Mas, o verdadeiro criterio para este julgamento é todo pessoal, e só a perspicacia de cada um pôde decidir por uma ou outra solução. Este julgamento não deve esquecer nunca, de um lado, a vantagem que tem as tropas amigas em serem promptamente informadas, e, de outro, a necessidade de se economisar estafetas.

O reconhecimento da composição e força do inimigo é quasi sempre um serviço difficil e arriscado, porque para ser desempenhado cabalmente obriga muitas vezes a patrulha a se approximar das tropas a reconhecer, e a sua segurança, e portanto o interesse de sua missão, exige que ella não seja vista. Ha que accrescentar aqui que tambem as patrulhas inimigas, procurando hostilisar as nossas, causam-lhes embarazos.

Como dados principaes para esse reconhecimento são de grande valor os conhecimentos de paz, taes como: organização e tactica do inimigo, suas disposições para marcha, estacionamento, etc.

No caso em que não é possível o conhecimento preciso da força inimiga é necessaria uma avaliação approximada, e o texto da comunicação deve deixar bem claro que se lançou mão deste recurso.

Ainda mais difficil que de tropas em marcha é o reconhecimento de ajuntamentos de tropas e os estacionamentos para repouso. Estes reconhecimentos fazem-se, ou de uma altura de onde se domina a posição inimiga, ou percorrendo sua linha de postos avançados, procurando contornal-a por um dos flancos.

3) *Actividade do inimigo durante a observação* — Tres casos se podem apresentar :

1.^o) o inimigo está em repouso ;

2.^o) tropas inimigas se reúnem em um ponto (ajuntamento de tropa) ;

3.^o) o inimigo está em marcha.

1.^o *Caso.* — O caracteristico do repouso é o abandono das armas. Distinguem-se o acantonamento, o bivaque, o bivaque de localidade, o acampamento e o alto guardado.

O reconhecimento é dirigido primeiro no sentido de descobrir e determinar a posição e natureza dos postos avançados, a extensão de sua frente e para onde está ella voltada, onde se apoiam seus flancos, constatar se dominam bem as posições para a frente impedindo a approximação de tropas. Depois de reconhecidos os postos avançados é que se dirigem as vistas para o grosso.

2.^o *Caso.* — O ajuntamento de tropa pôde ser com o fim de constituir uma columna para marcha, ou occupação de uma posição para o combate. Distingue-se o ajuntamento para a marcha pela distribuição dos pequenos postos que cobrem o ajuntamento, occupando os accidentes do terreno que se prestam a barrar a passagem a tropas vindas de fóra, e pela disposição dos elementos da columna para sua constituição, dos quaes a principio só se apercebem os primeiros escalões da vanguarda, ou os ultimos da rectaguarda no caso da retirada.

A occupação de uma posição para o combate reconhece-se pelo escalonamento da infantaria, seu desenvolvimento em atiradores para a frente ; a artilharia, em acção, tem tomado posição, o que se percebe pela direcção geral das boccas de fogo que é a mesma. A' rectaguarda devem estar as reservas. (1)

3.^o *Caso.* — O reconhecimento de columnas em marcha é o mais facil de se levar á effeito. O maior perigo ali é se perder o contacto com a columna.

Observa-se a natureza da columna (infantaria, cavallaria, ou columna das tres armas) ; sua direcção de marcha e onde se acha a testa ; sua composição e força, e, quando possível, a constituição e força dos elementos de segurança.

Para os casos de cavallaria e artilharia, é, ás vezes util dizer a andadura. (2)

(1) Diz-se que uma força tem occupado uma posição, quando ella está em attitude de defendel-a. Assim : — um batalhão só tem occupado uma localidade quando tomou com seus postos suas entradas. Um esquadrão de Cavallaria, á cavallo, não occupa posição alguma ; para isso é preciso que elle se tenha preparado para defendel-a, isto é, esteja á pé com a clavina na mão.

(2) Quando não se tem encontrado o inimigo, deve-se tambem fazer uma comunicação, dizendo isto. Nos exercicios de pouca duração esta comunicação é feita uma ou duas horas depois de seu inicio, quando a patrulha não leva objectivo determinado. Si a patrulha tem como missão reconhecer um ponto, esta informação tem logar quando attingido o objectivo.

Quando a missão da patrulha a obriga a um reconhecimento de mais de um dia, e até ao anoitecer o contacto com o inimigo não foi estabelecido, o resultado negativo de sua actividade deve o commandante da patrulha comunicar á noite, e se na manhã seguinte a situação é a mesma, o primeiro despacho desse dia deve informar isto.

f) Informação sobre o terreno.— A informação sobre o terreno é dada mesmo quando o reconhecimento é de inimigo, si ha um accidente que se acha modificado e se suppõe util informar. Assim, por ex.: pontes destruidas, barreiras cahidas, enchentes de rios, etc.

Si o reconhecimento é de terreno, a missão da patrulha deve ser clara sobre o que se tem que reconhecer e para que fim se o faz.

O reconhecimento de terreno, como o de posição inimiga, exige quasi sempre levantamento de croquis.

A patrulha de reconhecimento de terreno dá tan:bem informações sobre o inimigo.

g) Assignatura do commandante da patrulha— que é simplesmente o nome porque é elle conhecido e seu posto.

Escripto o despacho é preciso remettel-o.

Tão importante como o reconhecimento do inimigo é a remessa da comunicação. A melhor informação não tem valor si chega tarde a seu destinatario, ou si elle não a recebe.

A primeira preocupação, pois, é saber onde estará o destinatario e por que caminho deverá ir o estafeta. Escolhido o itinerario, é preciso determinar a velocidade de marcha do estafeta, de accordo com a importancia da informação e a maior ou menor urgencia que se tem de que ella chegue a seu destino.

O endereço do destinatario, o itinerario para o estafeta, bem como sua velocidade de marcha são escriptas no envelope em que deve ir o despacho.

O itinerario é designado pela estrada a percorrer, ou pelos pontos a passar. A velocidade de marcha para o estafeta para percursos até 20 km. é assignalada por meio de cruces, com a seguinte significação:

X o kilometro em 7 a 8 minutos;

XX o kilometro em 5 a 6 minutos;

XXX tão depressa quanto possivel, attendendo á resistencia do cavallo.

Quando a distancia é maior que 20 km. a velocidade é dada conforme as emergencias de occasião.

Fica, assim, todo o resultado da actividade da patrulha dependendo da parte que cabe ao soldado simples.

A criteriosa instrução individual do tempo de paz, como a transmissão de pequenos recados (a principio no proprio pateo do quartel e depois nos campos de exercicios), a orientação em campanha, a passagem de obstaculos a cavallo e a distribuição do tempo de marcha para conservação de velocidades deter-

minadas, é a garantia unica do exito da missão do estafeta de cavallaria.

A escolha do itinerario para o estafeta é naturalmente da alçada do commandante da patrulha, que a faz de accôrdo com as ordens que tem, ou, quando estas faltam, pelo que sabe ou suppõe da marcha e disposição das tropas amigas.

Devem, porém, os homens ser instruidos de maneira a perguntarem, sempre que pas-sam por camaradas seus, pelo destinatario do despacho que trazem. Para não perder tempo, elles gritarão de longe; — «Comunicação ao General X!» — e qualquer pessoa que tenha ouvido e possa dar informações dirá, ainda em tom elevado de voz, onde este poderá ser encontrado.

Muitas vezes acontece ainda que o soldado não conhece o destinatario e passará por elle sem perceber-o se não usar deste recurso.

O commandante da patrulha endereçará seu despacho ao superior a quem está subordinado seu serviço.

Si ha commandos intermediarios a quem é util ser tambem informado a respeito, deve o commandante da patrulha fazer resaltar isso no endereço. Assim, por ex. — uma patrulha enviada de um acampamento, dará conhecimento da marcha de columna inimiga num despacho tendo no sobrescripto os dizeres:

«Ao Sr. General X., via commandante dos postos avançados.» Si a tropa amiga está em marcha será: «Ao Sr. General X., via commandante da vanguarda».

Ha tambem casos em que devem ser enviados mais de um despacho; quando ha duas ou mais auctoridades que não são encontradas juntas, como por exemplo, o commandante em chefe das forças e o da cavallaria.

E' util sempre fazer os estafetas repetirem a informação, para o caso em que o despacho se perca.

Os meios de transmissão de communi-cações em campanha já não exigem hoje, em muitos casos, que o estafeta vá ao encontro do destinatario. Os centros de informação, com os recursos actuaes, poupam aos estafetas de cavallaria muitas vezes esse grande trabalho.

A telegraphia, a telephonia, o automovel, a motorcycle, a bicyclette, como ainda tambem a viatura animal, servem ás transmissões de ordens, como tambem a de recados-informações.

Para completar esse estudo apresentamos á critica dos nossos collegas o modelo abaixo de caderneta de reconhecimento igual ao que propomos ser adoptado no nosso exercito:

I.—Folha para correspondencia e croquis.

a) Lado para a correspondencia.

Remettente:	Comunicação	LOGAR	Data	Hora
	Expedido			
	Recebido			

Ao Snr.

b) Lauda quadriculada para desenho.

Escalas :	1:100000	0	1	2	3	4	Kilometros
	1: 50000	0	500	1000	1500	2000	Metros
	1: 25000	0	250	500	750	1000	Metros

As escalas não utilizadas no croquis devem ser riscadas.

NOTA.—As quadriculas são de 1 centimetro, sendo 13 na largura e 17 na altura.

II. — Enveloppe

Ao Snr.

Itinerario:

Velocidade do estafeta :

O DESTINATARIO :

Este envelopro deve ser restituído ao portador como recibo.

III.—Carteira de couro ou lona, fechando em quatro e com dispositivos para conter um bloco de folhas de correspondencia, 1 maço de enveloppes, 2 lapis (1 preto e 1 bi-color) e uma pequena borracha.

E. de Oliveira Figueiredo

1.º tenente de Cavallaria

O Corpo de Intendentes do Exercito

Tem-se feito, sob o impulso de modalidades diversas, a critica, ora serena e justa, ora apaixonada e desabrida, a essa organização dada ao nosso exercito por força da lei n. 1860 de 4 de Janeiro de 1908.

O proprio chefe do grande estado maior já propuzera em relatorio apresentado ao ministro da guerra, como se fez constar de publicações feitas pela imprensa, uma outra remodelação do exercito, que facilitasse mais a organização e mobilização das grandes unidades de combate.

Ficou pois, fóra de duvida a vulnerabilidade, em varios pontos, dessa debatida reorganização.

O nosso intuito agora não é encetar controversia ou repetir conceitos contrarios a esta ou áquella parte da organização actual, que não satisfaz ás exigencias de uma organização militar moderna, nem ás necessidades militares do Brazil. Deixaremos tambem de parte a flagrante desproporcionalidade dos quadros de officiaes das diferentes armas combatentes, para só encarar aqui, como assumpto urgente e importante para o exercito, não só a insufficiencia do seu corpo de intendentes, como tambem a necessidade inadiavel de estabelecer o sob bases mais seguras e justas. Não ha mister encarecer mais a relevancia dos multiplos serviços a cargo da intendencia militar, sempre imprescindiveis quer na paz, quer na guerra. Basta recordar que a ella está affecta não só a aquisição por compra directa, ou por outros meios, de fardamentos, equipamentos e transporte, como de tudo o necessario para o sustento e mobilização das tropas.

Em tempo de guerra, esses arduos encargos são accrescidos com a difficulosa operação de fornecimento para a subsistencia dos exercitos, que é ainda complicada com a presença dos trens de transporte e respectivo pessoal, por cuja regularidade de serviço se responsabilizam os intendentes.

O decreto n. 6971 pelo qual ficaram organizados os novos quadros, estatue no seu artigo 12, que os serviços de administração nos corpos, nas grandes unidades e nos quartéis-generaes de inspecção são desempenhados por agentes especiaes denominados — Intendentes — com gradações hierarchicas, correspondentes aos póstos de officiaes e de accordo com um quadro que pela organização recebida desde logo salteou de duvidas a quantos comprehendem o alcance e a importancia desse ramo de administração militar.

Ninguém atinou com a ordem de considerações, determinantes de tamanha e incongruente desproporcionalidade entre o quadro de intendentes e as multiplas incumbencias que lhe ficavam affectas, a não ser que se tivesse o sensato proposito de amplial-o logo depois, segundo as necessidades do exercito e que desde então, neste sentido, saltaram aos olhos

de todos, cada vez mais prementes e imperiosas, reclamando uma solução immediata, a qual, entretanto, até agora ainda não surgiu.

Reorganizado o exercito, *ex-vi* da citada lei, ficou pela alinea *h* do capitulo referente aos effectivos, estabelecido que a execução das providencias necessarias ao funcionamento do commando e da administração se denominassem — serviços.

Descriminando em seguida os diversos serviços, taes como o de saúde e veterinaria, os de justiça etc., diz apenas que os serviços de administração têm como agentes especiaes um quadro de intendentes, e logo adiante, ainda sob o titulo IX da lei, o que trata propriamente da reorganisação do exercito, são definidos os postos, e hierarchias e os quadros que compõem o corpo de saúde, dos dentistas, dos pharmaceuticos, dos veterinarios e dos auditores, silenciando, de modo incomprehensivel sobre tudo quanto, semelhantemente, devia dizer respeito ao corpo de intendentes. E' bem verdade que a alinea *d* do art. 198 da mesma lei de 4 de Janeiro de 1908, autorisa o governo a reorganisar a administração do exercito, regulamentando os serviços administrativos das inspecções, estabelecimentos militares e unidades combatentes, mas essa regulamentação não attinge, por certo, ao quadro a que nos referimos.

O artigo 14 do decreto n. 671 declara que os intendentes são empregados militares da administração, sujeitos á disciplina e á Justiça militar e manda que a sua situação seja regulada por instrucções especiaes.

Não nos consta ainda, decorridos mais de cinco annos da data da lei reorganisadora do exercito, que se tenha regulamentado a situação dos intendentes. Estas considerações deixam transparecer claramente que foram victimas dum cambalacho, á sombra da lei, todos os officiaes que passaram das armas combatentes para o quadro de intendentes, achando-se até muitos delles habilitados com o curso geral das armas, não obstante o artigo 15 do referido decreto viesse tranquilisal-os de que os seus direitos seriam garantidos na conformidade da legislação vigente, sendo-lhes, entretanto, absolutamente vedada a reversão aos quadros das armas, como que dando a entender que uma vez reconhecido o logro, ficava-lhes cortado desde já o recurso de uma futura reversão ás fileiras.

Para cercar essas transferencias de quadros de certas formalidades garantidoras e que salientassem, ao mesmo tempo, a importancia do novo corpo, exigiu-se um concurso, em que os candidatos satisfizessem provas exigidas na legislação em vigor.

Com toda essas formalidades legais, não houve um só que entrando para o corpo de intendentes, não comprehendesse depois ter ficado não só tolhida a sua carreira, como no ar a sua situação. Cumpre-lhes a todos appellarem agora para quem compete

resolver, com Justiça, esta situação dubia. E' esse appello que vamos fazer em continuação, após demonstrar a insufficiencia do quadro de intendentes para as multiplas funcções que lhes estão affectas.

S. D.

(Transcripto do " Commercio do Paraná " de Coritiba.)

REFUTAÇÃO

A O artigo noticioso e critico publicado em o numero de Janeiro, desta Revista, sob o titulo «O concurso de tiro colectivo na 9.ª Região» venho oppôr um refutado.

Era meu desejo fazer uma refutação completa da citada noticia critica mas, a isso me impede, o escrupulo de servir-me de notas de outrem. 1)

Deixo, porém, áquelles que assistiram o segundo dia do concurso o encargo de completarem, se fôr de gosto e prazer a refutação que ora faço, referente ao primeiro dia e no qual tomaram parte as forças aquartelladas na Villa Militar de Deodoro.

Disse o critico noticiaria:

«No primeiro dia de concurso quando atiraram os pelotões do 1.º e 2.º regimentos, a Direcção não formulou um thema etc.»

Nesse ponto, nenhuma culpa têm os commandantes de pelotão 2) dos citados regimentos e melhor seria para elles que esse thema fosse formulado.

Affirmo isso, ao critico que nada conhece da vida interna dos corpos, porque, aqui na Villa tambem se sabe formular themas em exercicios e no anno passado o nosso exame de companhia constou da resolução de themas, em situações diversas, tirados a sorte e na occasião, e foi assistido pelas altas autoridades militares que, se não acharam bons, tambem não se maldisseram de tel-o vindo assistir.

Adiante diz o mesmo noticiaria: «Não podemos infelizmente dizer que tivesse sido bõa a impressão que nos deixou o desenvolvimento em atiradores dos pelotões de Deodoro».

«A passagem da ordem unida á dispersa foi feita em silencio, etc.»

Muito bem, houve silencio affirma o critico, mas não lhe satisfez, 3) respondo ao mesmo.

Si, lhe não agradou a rapidez e attitudem dos atiradores, devia o critico desferir os seus golpes de alfange na commissão, unica culpada nessa falta de rapidez e attitudem tomada, por ter cerceado a liberdade de commando, pois, os commandantes de pelotão tinham que levar os seus soldados em uma rigorosa linha afim de satisfazer a exigencia da mesma commissão que, collocando duas balisas, determinou a collocação e alinhamento da força. 4)

Ainda mais, o critico disse que, «os pelotões da Villa ficaram a menos de 200 metros da linha de balisas», e critica esse facto aos commandantes de pelotão. 5)

Não se lembrou o critico que essa collocação, dependia da commissão e se houve erro, ainda errou o critico, fazendo critica mordaz aos seus companheiros, commandantes de pelotão que, não eram os responsáveis pela collocação da força e que sendo a primeira vez que se viam em tal commando e acto, esperaram e receberam ordens.

E mais: «Nenhum dos commandantes de pelotão da Villa, indicou ás suas fracções um ponto de direcção, e accrescenta, o fundo da paysagem era rico dos mais adequados reparos etc.»

O critico, de certo, escreveu isso para os tolos e basbaques, 6) porque, nem o fundo da paysagem era rico em reparos e nem necessidade delles havia, porquanto a linha em que deviam ficar os atiradores estava determinada e naturalmente os commandantes de pelotão a indicaram.

Quanto ao alinhamento, «o eterno alinhamento», preciso dizer ao critico, que nós aqui da Villa, não temos essa preocupação e, se tal deu-se no concurso, foi devido ás taes balisas e mais a ter alguém da commissão observado a um commandante de pelotão que, sua tropa havia sahido do alinhamento determinado.

Nada disso viu ou ouviu o critico e então do alto de seus sóccos vem criticar seus companheiros por faltas que não commetteram e que se commettessem não deviam ser tão duramente criticados.

Quanto á posição curvada dos nossos soldados quando marcham em linha de atiradores, estou de accordo com o critico, no caso de campo raso como o de Jacarehy, entretanto, precisa o critico saber, que isso, é habito dos nossos sertanejos, nossos soldados de infantaria e que portanto, depende somente de uma energica voz de commando para que o elan seja o mais rapido possivel.

«A posição de tiro preferida pelos pelotões de Deodoro foi a de joelhos 7) e accrescenta com dogmatismo e autoridade, quando a 400 metros do adversario e em terreno descoberto é verdadeiramente singular que ainda se possa discutir a conveniencia de se atirar deitado».

Cosa bem singular é o critico ter dito que os pelotões atiraram de joelhos, o critico, de certo, não estava no primeiro dia de concurso no local e isso o affirmo pela singularidade daquella sua affirmativa, escreveu por notas de outrem que tambem nada viu.

Dos «pelotões de Deodoro» só um, o primeiro que entrou em concurso e que pertencia ao 1.º batalhão, atirou de joelhos e isso, por terem os soldados, declarado ao seu commandante que, não viam os alvos, da posição em que se achavam, deitados, o que era verdade, pois, pela manhã o tempo estava nublado.

Quanto, ao dogmatismo e autoridade com que fallou, devo dizer ao critico, que ninguém discute, pois, é por demais sabido e exercitado o atirar deitado, em terreno descoberto ou de macegas baixas.

«A razão daquella preferencia porém, não era de ordem technica nem tactica». 8)

O critico já viu que o pelotão que atirou de joelhos obdeceu a razão technica e táctica.

«Verificamos que na posição do atirador deitado os homens por falta de habito e principalmente de exercicios de pontaria em secco, assestavam mal os fuzis dando assim lugar a impactos curtos, muitos mesmo na bocca da arma».

Já disse que o critico não estava no local no primeiro dia de concurso e escreveu por notas de outrem e isso continuo a affirmar.

O critico nada verificou e se verificasse não diria que os soldados, os da Villa, faziam pontarias curtas, é pois uma inverdade a affirmativa de impactos na bocca da arma.

O critico bem podia ver pelos resultados do seu quadro que as tropas da Villa foram as que melhores resultados obtiveram, em um concurso pela 1.ª vez

realizado e esse resultado é uma prova de boas pontarias.

A falta de pontaria em secco que o critico diz haver, ficamos nós, os da Villa, esperando que o critico arranje uma nomeação de instructor e para cá venha, energeticamente, mostrar-nos a sua autoridade e sabedoria technica e tactica.

«Quasi todos os pelotões do 1.º e 2.º regimentos, estenderam e avançaram com as armas descarregadas, etc.»

Aqui a critica não tem lugar ou cabimento, é o regulamento que manda e o critico deve obedecer, embora descontente e eu o acompanho. 9)

Quanto á disciplina de fogo foi ainda infeliz o critico com suas notas de emprestimo.

Commandantes de pelotão houve no primeiro dia de concurso que, deram por duas vezes a voz de cessar fogo e foram immediatamente attendidos por seus soldados e o mesmo aconteceu com os demais que deram uma só vez a mesma voz.

Bem vê o critico que, com 10 cartuchos em um fogo á vontade não é possivel a qualquer commandante, por melhor que seja a escola por este frequentada, dar mais de duas vozes de cessar fogo, a não ser que toda sua preocupação esteja dirigida para esse fim.

E' pena, não ter o critico, estado presente, porque, se lá estivesse, bem certo estou, não cahiria em tanto erro nem tanto magoaria os seus companheiros. 10)

Desculpe-me, pois, o critico, si, nessa minha refutação algumas vezes lhe feri, fui a isso levado pela parte que a mim coube em sua critica.

Rio-Villa Militar, 14 de Fevereiro de 1914

Adelino Soares de Oliveira

Cap. do 1.º Reg. de Inf.

NOTAS DA REDACÇÃO:

1) Não comprehendemos tal escrupulo. Para criticar um exercicio da natureza do que está em questão, sem recorrer a *notas de outrem* fôra myster que o critico tivesse o dom da ubiquidade.

2) Nem o critico os culpou.

3) Relendo a critica com um pouquinho de attenção o autor da refutação não encontrará tal affirmação. Dir-se-ia antes que esse silencio foi a unica cousa que satisfaz ao critico na passagem da ordem unida á dispersa.

4) Como se havia de marcar então a posição de tiro, de modo que fosse a mesma para todos os pelotões afim de haver comparabilidade? E, onde a marcação de uma linha no terreno pelo balisamento de seus extremos, revoga a observancia dos preceitos regulamentares para a approximação e occupação, especialmente quanto á utilização do terreno?! Dado que assim fosse, como é que esse pretendido cerceamento attinge á rapidez e á attitude dos atiradores?!?

5) O critico não disse isso.

6) Supomos não ter tal especie de leitores.

7) O autor do refutado ou não leu o n. 5, ou por maldade não tomou conhecimento de nossa franca rectificação desse ponto.

8) Essa affirmação fica subsistindo inteiramente para o unico pelotão que atirou de joelhos.

9) O regulamento não manda tal. Leia o § 230 do R. E. I., II Parte, pag. 132, aliás citado na critica.

10) O critico não pôde ter magoado companheiros pois as suas considerações reportam-se aos tacsos, não ás pessoas. Quanto á insistente asseveração de

que o critico não esteve presente aos exercicios é simplesmente ridicula. Ou o Sr. capitão sabe quem é o autor da critica ou não sabe. Neste caso essa affirmacão é mera petulancia, no 1.º é má fé, pois o critico esteve tão presente quanto Sua Senhoria.

NOTA FINAL. — Deixamos intactas as referencias indelicadas ao critico e noticiaria mordaz, que nada conhece da vida interna dos corpos, não arranja uma nomeação de instructor, nem esteve presente ao exercicio para, do alto de seus sóccos, cortar com o seu alfange implacavel as ominosas balisas.

O leitor consciencioso lá com os seus botões condemnará a nossa longanimidade de publicarmos essa amostra dos ataques que nos são dirigidos, sem argumentos e sem boa fé, que não se estribam nos regulamentos nem nada esclarecem. Para compensar o espaço assim desperdiçado augmentamos este numero de 4 paginas, como já o fizemos com o n.º 5.

Klingner

FRANÇA

A manobra de exercito em 1913

Encontramos no *Militär-Wochenblatt* de 19 de Novembro do anno passado uma interessante narrativa da grande manobra franceza que no mez de Setembro se realizou á margem esquerda do Garonne e á N. O. de Toulouse. Além de ter determinado a reforma immediata de alguns generaes essa manobra suggeriu importantes observações sobre o alto commando francez e o valor combatente das tropas.

A manobra de exercito em 1913 foi dirigida pelo general Joffre, chefe do Gr. E. M. e generalissimo em caso de guerra, que tinha ao seu lado como chefe de Estado Maior o general Curières de Castelnau, sub-chefe do Grande Estado Maior.

O exercito azul ou do norte, commandado pelo general Pau, membro do Conselho Superior de Guerra, compunha-se do XII e XVIII corpos de exercito, de uma divisão colonial, de uma brigada de cavallaria e duas baterias do obuz pesado de campanha de 150mm. O exercito vermelho ou do sul, commandado pelo general Chomer, tambem membro do Conselho, era constituido dos XVI e XVII corpos de exercito, 6.ª divisão de cavallaria, 2 baterias do obuz pesado de 155mm. e de uma bateria do canhão ligeiro de 120mm. A cada exercito tinham sido ainda attribuidos 1 dirigivel e 3 esquadras de aeroplanos, cada uma de seis aparelhos.

Ao todo participaram da manobra 108 batalhões, 54 esquadrões, 83 baterias de cam-

panha e 5 baterias pesadas constituindo uma força summaria de 100.000 homens.

Primeira phase

(Croquis 1)

DE 11 Á 13 DE SETEMBRO

Situação de guerra. O exercito vermelho retira-se da Dordogne pela margem direita do Garonne na direcção de S. E. O exercito azul tendo na ultima batalha soffrido grandes perdas e achando-se sem provisões é obrigado a não emprehender a perseguição immediata do exercito vermelho. Reforços azues despejados pelo caminho de ferro á S. E. de Bordeaux (exercito Pau) recebem ordem de marchar na direcção de Toulonse, capital do estado vermelho, e contra o flanco e a rectaguarda do exercito vermelho. O exercito vermelho do sul concentra tambem numerosos reforços em Toulouse (exercito Chomer) para defeza do seu flanco esquerdo e da sua capital.

O partido azul tinha pois uma missão puramente offensiva e o partido vermelho uma missão defensiva que o chefe deste partido, inclinado á escola allemã, vae procurar desempenhar atacando o adversario.

O espaço que separa os dous partidos permite á cavallaria e aos aeroplanos um amplo serviço de exploração.

Desde o dia 7 de Setembro as tropas dispersas pelas zonas de desembarque achavam-se á disposição dos chefes dos partidos, que segundo as instrucções do director da manobra deviam dar-lhes as ordens para a concentração inicial nos dias 8 e 9.

A missão dos dous exercitos, como no anno anterior, ficou secreta *mas a 9 de Setembro a imprensa publicou informações exactas sobre as posições dos dous exercitos na tarde desse dia.*

O dia 10 de Setembro foi de descanso: a manobra propriamente dita começou no dia 11 ás 6 horas.

DIA 11

O general Chomer dispoz o seu exercito, collocando as 4 divisões uma ao lado da outra; cada divisão enviou uma forte vanguarda até as alturas entre o Garonne e o Save. Os dous regimentos de cavallaria de corpo e a 6.ª divisão de cavallaria achavam-se na frente do exercito occupando as passagens do Save.

A 11 de Setembro todo o exercito Chomer iniciou a marcha na direcção de N. O. As vanguardas das divisões attingiram nesse dia a margem meridional do Save.

Attribue-se ao general Chomer a intenção de envolver a ala da esquerda do exercito azul. Assim a 6.^a divisão de cavallaria foi enviada á Auch com ordem de avançar na direcção da ala e do flanco esquerdo do inimigo, esperando uma occasião favoravel para o ataque.

A passagem do Garonne atrazou a marcha cujo rendimento nesse dia foi pequeno para o partido vermelho.

Em opposição ao general Chomer o general Pau dispoz o seu exercito no sentido da profundidade. A divisão colonial e a brigada de cavallaria, reforçadas com 4 esquadrões e

res levantou na imprensa franceza animadas discussões.

O primeiro dia de manobra correu sem combate.

A exploração aerea e da cavallaria foram coroadas de successo e assim na manhã de 12 cada partido estava informado dos movimentos do adversario.

O croquis 2 indica a posição dos dous exercitos no dia 11 de Setembro á tarde.

DIA 12

No dia 12 de Setembro o exercito verme-

lho poz-se em marcha com a ala direita avançada e em desenvolvimento frontal de 30 km. O general Chomer patenteou a sua resolução de dar com a ala esquerda o golpe principal transferindo a artilharia pesada do XVI para o XVII corpo.

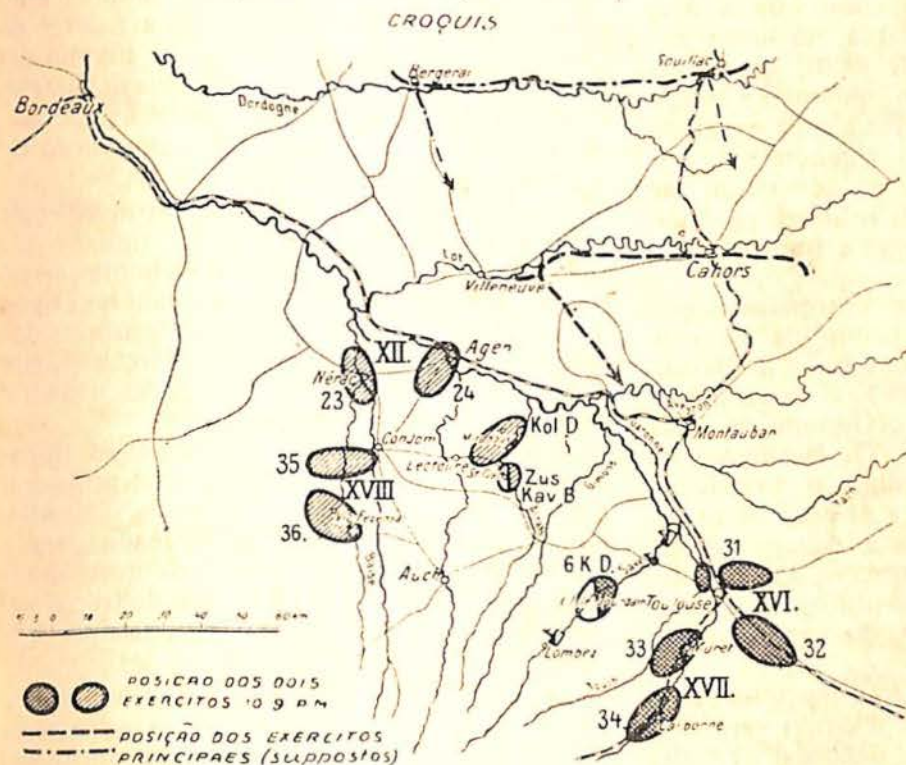
A divisão de cavallaria vermelha chocou a 36.^a Div. da ala direita do exercito azul e foi obrigada a uma curta parada. Afastando-se na direcção de S. E. a divisão de cavallaria vermelha encontrou a brigada de cavallaria do partido azul que por sua vez depois de um curto combate com as vanguardas da 32.^a e 33.^a Div. vermelhas

tinha se afastado na direcção de N. O.

O combate de cavallaria travado entre forças mais ou menos iguaes ficou indeciso e os dous corpos de cavallaria mantiveram-se *vis à vis* na ala direita (partido azul) e esquerda (partido vermelho) dos seus respectivos exercitos.

Além desse encontro das massas á cavallo nenhum outro combate assignalou o dia 12 de Setembro.

A *vanguarda de exercito* do general Pau occupou na margem occidental do Gimone uma posição fortificada. O grosso do exercito azul avançou com as testas dos corpos até a linha da *vanguarda geral*. Na tarde de 12 de Setembro o exercito azul tinha assim em primeira linha 3 divisões occupando uma frente de 25km. e á rectaguarda 2 divisões cobrindo



2 baterias do XII corpo, foram lançadas para a frente constituindo a *vanguarda geral* ou *vanguarda de exercito*, que devia occupar no dia 11 as posições dominantes da margem septentrional do Gimone.

Na tarde de 11 o exercito do general Pau occupava uma frente de 20 km. e uma profundidade de 30 km, achando-se as suas divisões dispostas em losango para, sob a protecção da *vanguarda de exercito*, manobrar pela direita ou pela esquerda conforme as informações obtidas sobre os movimentos do inimigo e a decorrente modificação do estado de cousas. O general Pau, fiel á passividade da tactica franceza, deixava ao adversario liberdade de agir como entendesse, reservando-se para responder a seus golpes.

A differença de methodo dos contend-

um espaço de 2 km. de profundidade. (Vd. croquis 2).

A exploração aérea continuou a fornecer nesse dia para os dois partidos boas informações. Por hypothese um dos aeroplanos do exercito azul lançou contra o dirigível do exercito vermelho uma substancia explosiva que o inutilizou.

DIA 13

Os chefes dos dois exercitos decidiram-se a atacar no dia 13.

O general Chomer ordenou que a 34.^a Div., escalonada á rectaguarda, no flanco esquerdo marchasse na noute de 12 até alcançar o Gimone. Esta divisão juntamente com a divisão de cavallaria envolveria a ala esquerda do exercito azul, enquanto o general Chomer com 3 divisões atacaria o adversario de frente, nesse mesmo dia, ás 6 horas, partindo da linha Cox-Cologne-Touget e transpondo o rio Gimone.

O general Pau por sua vez ordenou que a 23.^a Div. avançasse na noute de 12 e se viesse collocar entre a 24.^a Div. e a divisão colonial. Ás 5 horas do dia 13 o general Pau transpoz com 4 divisões o Gimone na linha Mauvezin-Gimat (5 km S. O. Beaumont de Lomagne) sem que o inimigo o tivesse incommodado. A 25.^a div. e a brigada de cavallaria seguiram escalonadas á rectaguarda na ala direita constituindo a reserva do exercito. A artilharia pesada recebeu ordem para ficar em Montfort á disposição do commandante do exercito.

O exercito do general Pau lançou-se com quatro divisões contra o XVI corpo vermelho e forçou primeiro a 31.^a e depois a 32.^a div. a cederem terreno.

Enquanto esse combate se travava ao norte, parte da 33.^a div. vermelha rebatia-se contra o flanco direito da 36.^a div. azul e o resto do XVII transpondo o Gimone e depois o Arrat dirigia-se para o norte atacando a reserva do exercito Pau, a qual foi obrigada a ceder antes que o exercito azul tivesse obtido a supremacia no combate de frente.

Ás 18 horas interrompeu-se a batalha. Difficil é dizer a qual dos dois contendores teria cabido a victoria. Entre os dois corpos de exercito vermelhos ficou um vazio atravez do qual penetrou parte do exercito azul. Os partidarios do general Pau, desejosos de proclamarem o triumpho da tactica franceza, affirmaram que este venceu na ala do norte e que a derrota do XVI corpo vermelho abriu ao exercito azul o caminho de Toulonse. Se-

gundo os calculos desses optimistas o XVI corpo bateria em retirada perseguido por parte das tropas azues, enquanto as forças restantes desse partido rebatendo-se contra o flanco e as costas do XVII corpo o teriam tambem aniquilado.

Os partidarios do general Chomer acceptaram que o XVI corpo foi obrigado a retroceder diante da superioridade de forças azues mas entenderam que a decisão dos arbitros foi proferida muito cedo, com desvantagem para o partido vermelho. O XVI corpo num caso sério poderia ter-se mantido por muito tempo em boa posição nas alturas dos arredores de Cox. (croquis 2). Na tarde desse mesmo dia *todo um corpo de exercito, quasi intacto, uma divisão de cavallaria e artilharia pesada de exercito achavam-se na rectaguarda do exercito azul.*

Devido ao esfalfamento das tropas cujos esforços nas ultimas 36 horas tinham sido consideraveis a direcção da manobra determinou que os exercitos bivacassem no campo de batalha e como os soldados francezes não tem barraca no equipamento, as forças ficaram a céu aberto, supportando o forte temporal que desabou durante a noite.

Ao amanhecer do dia seguinte as tropas acantonaram e a direcção resolveu prolongar até ás 18 horas do dia 15 de Setembro o descanso que estava determinado para o dia 14. Durante essa suspensão de hostilidades executaram-se os deslocamentos de tropas necessarios á preparação da 2.^a phase da manobra.

Segundo as informações da imprensa o Gr. E. M. francez tinha resolvido estabelecer para a ultima parte da manobra um thema em que um grande exercito agisse contra um inimigo figurado. Na realidade porém a 2.^a phase foi o proseguimento da primitiva situação de guerra ligeiramente modificada. O exercito Pau vencedor nas margens do Gimone avancou contra o exercito Chomer, que tendo recebido reforço decidiu acceptar a batalha numa posição fortificada na margem meridional do Save. Sobre os detalhes destas ultimas operações, que conduziram á classica batalha paralela, deixamos de nos occupar por nos parecer que elles não teriam para os nossos leitores a importancia da 1.^a phase da manobra.

Digna de ser conhecida do nosso publico militar é a apreciação do ex-ministro da guerra Messimy que assistiu á manobra do exercito em 1913.

Messimy não se conforma com que o

effectivo das companhias para as manobras não seja elevado ao pé de guerra pela chamada de reservistas.

As companhias se apresentaram com 110 á 140 homens. O ex-ministro da guerra suspeita que as altas autoridades têm medo dos reservistas.

Devido a essa circumstancia os serviços de estado maior e de aprovisionamento fizeram-se com uma extraordinaria facilidade e ninguem se pôde dar conta das suas dificuldades na guerra.

«A cavallaria parece conservar o tradicional horror pelo combate a pé, que depois da adopção das metralhadoras ainda mais se desenvolveu. O combate a pé, é tido pela cavallaria como uma questão de ordem secundaria, mesmo quando em condições de terreno como as da manobra de 1913 elle seria muito mais efficaç que o ataque á cavallo.

«A artilharia age ainda sem a devida ligação com a infantaria.

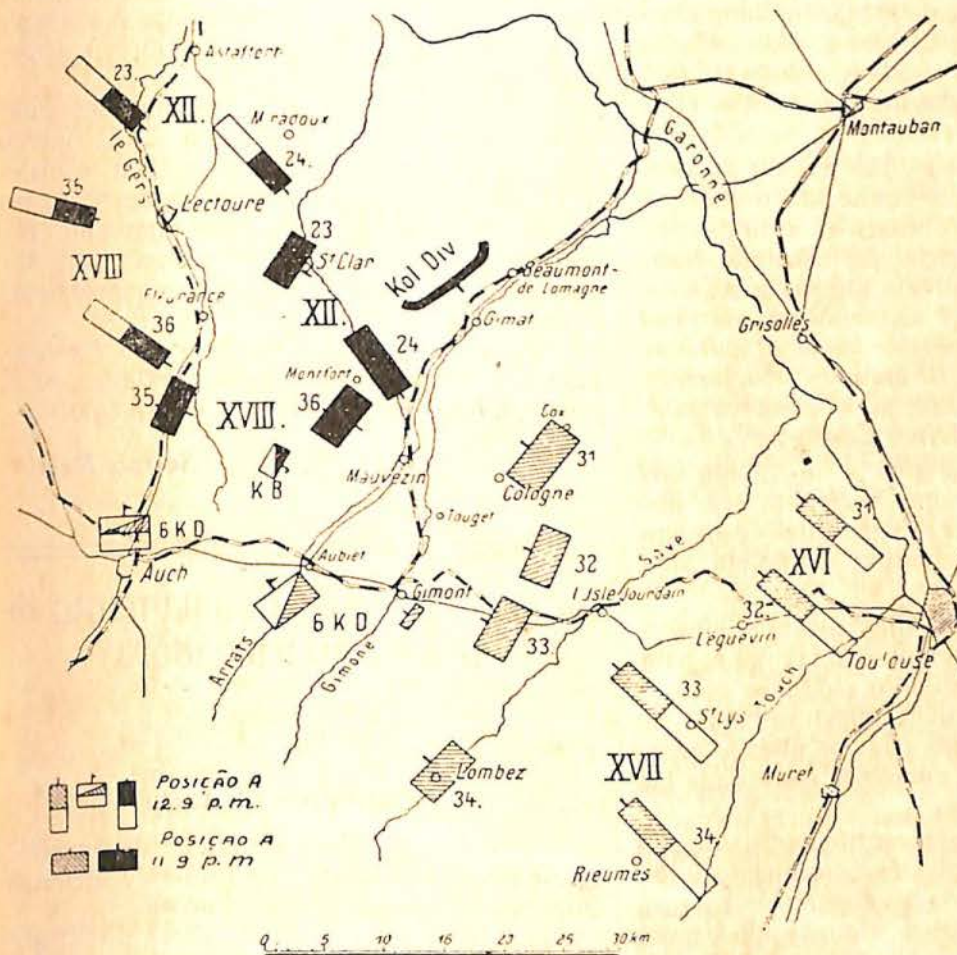
«A infantaria não está devidamente instruida para o combate em terreno variado.

«E' preciso acrescentar que a infantaria franceza marcha bem mas a instrucção no terreno e o aproveitamento do mesmo deixam ainda a desejar. O desenvolvimento do batalhão e da companhia é muito lento e a instrucção do tiro defeituosa. Muitos homens atiraram de joelhos e de pé em casos em que só é passivel atirar deitado. A causa desta instrucção insufficiente não está apenas no serviço de dous annos porque os soldados profissionaes do exercito colonial se acham na mesma situação precaria dos soldados do exercito metropolitano».

Messimy afirma que tudo isso é uma consequencia

da falta de campos de instrucção. De dez guarnições francezas nove não podem instruir suas tropas fóra do perimetro das cidades. «E' preciso crear campos de instrucção e estabelecer que as divisões de infantaria com a cavallaria e a artilharia respectivas permaneçam ahi seis semanas por anno, pois só assim será possivel que a technica do combate em terreno variado não fique mais no esquecimento em que até agora tem vivido».

Uma outra causa da inferioridade da in-



Os themas de manobras foram simples e claros.

O serviço de arbitragem foi feito com zelo e discreção e funcionou satisfactoriamente embora suas decisões não tenham agradado a todos.

As disposições dos estados maiores foram calmas, bem ordenadas e precisas o que em relação aos annos anteriores representou um grande progresso.

Quanto á instrucção das tropas assim se exprime Messimy:

fantaria franceza no ponto de vista da instrucção do combate está, segundo Messimy, na falta de officiaes.

Certos batalhões apresentaram-se nas manobras apenas com 3 segundos-tenentes.

Em compensação Messimy elogia sem reservas a resistencia da infantaria franceza e a conducta das tropas. Mesmo depois dos maiores esforços os soldados davam uma excellente impressão guerreira.

«Estas qualidades permitem á infantaria franceza medir-se com os frios, rigidos e disciplinados regimentos allemães, fundamentalmente differentes dos nossos, mas adversarios valorosos que podem ser excedidos quando se procura fazer melhor do que elles sem os copiar. (1)

Uma outra falha que não passou despercebida á perspicacia do conhecido militarista foi o abandono das operações á noite nos programmas de instrucção da infantaria franceza. Fazem-se sem duvida alguns *exercícios de guarnição* e durante as manobras marchas á noite mas as tropas não estão preparadas para os combates e os ataques nocturnos. Messimy declara ainda de pé as celebres palavras do príncipe Frederico Carlos:

«O ataque á noite não é do gosto dos francezes; elles parecem receial-o, sem duvida porque á noite a sua habitual desordem se póde transformar numa completa dissolução».

Concluindo as suas interessantes observações o ex-ministro da guerra faz votos para que á vista dos resultados obtidos com a manobra de 1913 se dêem por terminadas as enfadonhas experiencias com os obuzes pesados de campanha, as cosinhas e as padarias rolantes.

Elle preconiza ainda augmentar a dotação das viaturas automoveis nas columnas e trens e pede para a infantaria a adopção da barraca e a substituição da calça garance, do capote azul e do kepi ercarnado, por um uniforme verde-cinzeno semelhante ao das outras potencias.

Julgamos tambem interessante referir que a opinião do general Palat sobre essa manobra coincide inteiramente com a de Messimy.

Essa opinião, publicada na «Revue des deux mondes» tem um valor especial por isso que Palat foi em 1907 o chefe do estado-maior nas manobras realizadas pelo XVII

corpo de exercito na mesma região, sabendo portanto bem ajuizar das condições militares e politicas do Sudoeste da França.

Quanto á instrucção da tropa, acha esse general, como Messimy, que o soldado francez marcha muito bem, porém está mal instruido no serviço de combate, e vê as causas dessa grave lacuna nos *fracos effectivos de paz* e na *falta de campos de instrucção*.

Em relação á insignificancia numerica dos reservistas convocadas para as manobras, o interesse da opinião de Palat sóbe de ponto para nós, porque fêre uma chaga semelhante ao grande mal do nosso Exercito: o *impartiotismo dos politiqueiros*.

«A politica eleitoral representa um papel importante entre os reservistas. Cada cidadão que occupa um cargo publico tem o maior interesse em conservar a benevolencia de um eleitor influente. A este absolutamente não lhe dóe a consciencia em conseguir para si e para outros a dispensa de uma chamada para exercicios».

«Assim soffrem os interesses do Exercito, portanto os da Nação, mas satisfazem-se os politiqueiros, e isso é que é o principal».

Souza Reis

1.º Tenente

Subsidio para o "Regulamento de tiro da metralhadora"

(Continuação)

II

Especies de fogo

Além do fogo individual de nenhum emprego em combate, os fogos de metralhadora são a *salva* e o *fogo continuo*.

A *salva* é uma série de cerca de 50 tiros disparados contra um ponto do objectivo, mantendo-se fixos osapparelhos de pontaria em direcção e altura.

Esta especie de fogo é empregada quasi exclusivamente nos tiros de verificação da alça ou do ponto de visada,

O quadro I representa o grupamento vertical de uma *salva* contra um alvo de grandes dimensões, á distancia de 1.000 metros. (1)

(1) Para aperfeiçoar a infantaria franceza Messimy pede o que se faz na Allemanha depois de 30 annos. Nada mais reclamam entre nós tambem os partidarios dos methodos allemães. — S. R.

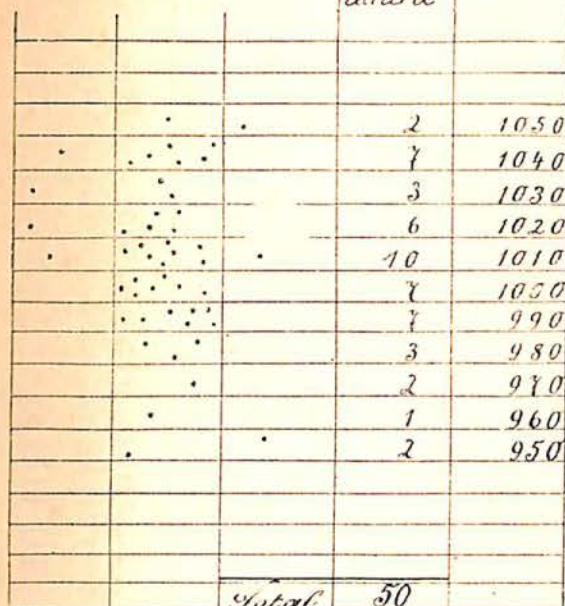
(1) Todos os grupamentos de tiro que a titulo de exemplo figuram neste trabalho são os resultados das experiencias feitas pela "Commissão Prussiana de Exame do Fuzil" extrahidas da monographia *O novo methodo do tiro da metralhadora* do primeiro-tenente Friedrich von Merkatz — Berlin, 1912. — Editor: Eiseischmidt.

SALVA

50 TIROS

DISTANCIA 1000 m.

N. de impactos em cada retangulo de 30° de altura	Alcance das balas em metros no terreno
2	1050
7	1040
3	1030
6	1020
10	1010
7	1000
7	990
3	980
2	970
1	960
2	950
Total 50	

*Escala*

100m 0 1m 2m

Quadro 1

O exame dessa imagem de dispersão indica que o *feixe* de trajetórias da *salva* é muito apertado, não excedendo no caso presente de 1/1000 da distancia.

Com um *feixe de trajetórias* apertado, e dadas as dificuldades de observação dos pontos de queda em combate, é difficil bater sufficientemente os objectivos de campanha. Eis a razão porque na maioria dos casos se reserva o emprego da *salva* exclusivamente para o *tiro de regulção*.

A Escola de Spandau aconselha que na execução da *salva* o apontador não aperte exageradamente os punhos da metralhadora com o proposito de immobilisar o cano, pois este já se acha, nesta especie de fogo, naturalmente impedido de se deslocar no sentido horizontal e vertical. Observando-se esta prescripção podem-se obter os menores grupamentos.

O *fogo continuo*, que é empregado como tiro de efficacia, consiste no disparo de mais de 50 tiros com osapparelhos de pontaria soltos. Elle comprehende :

o *fogo de ponto*,
o *fogo ceifante*,
o *fogo progressivo*.

O *fogo de ponto* é aquelle disparado contra um ponto para o qual o atirador mantem constantemente dirigida a linha de visada.

Esta especie de fogo é empregada de preferencia contra objectivos isolados, como canhões, metralhadoras, estados-maiores, patrulhas, postos de observação, etc.

O quadro 2 representa o grupamento vertical de um *fogo de ponto* de 250 tiros á distancia de 1 000 metros, contra um alvo de grandes dimensões, em cuja parte central está figurada uma metralhadora em acção.

O feixe de trajetórias nesta especie de fogo é mais aberto que na *salva*, mas o menor descuido do atirador, ou qualquer erro de observação é sufficiente para que o objectivo receba um numero de balas insignificante. No exemplo que consideramos o numero de impactos foi de 6 ou 2,8 %. E' verdade que o tiro não estava bem regulado, pois a parte mais densa do feixe cahiu á direita do objectivo. Faça-se porem coincidir a figura do centro do quadro com a parte mais util do feixe e ver-se-ha que mesmo nesse caso o numero de impactos não seria superior a 8 ou 3,2 %.

O *fogo ceifante* é aquelle em que o atirador desloca o cano da metralhadora percorrendo o objectivo da esquerda para a direita com a linha de mira sempre dirigida para a parte inferior do alvo.

Especialmente adequado a bater os objectivos extensos, como as linhas de atiradores, elle é o de emprego mais commum em combate.

Em geral, porem, esses objectivos não se apresentam em campanha numa linha continua cujas partes componentes se acham situadas no mesmo plano de sorte que na execução do *fogo ceifante* o atirador precisa desenvolver a maxima attenção e manejar com habilidade e pericia os apparelhos de pontaria para que o feixe não salte fóra do alvo.

Contra alvos contiguos collocados no mesmo plano, em condições rarissimas de se apresentarem na guerra e apenas admissiveis nos "campos de tiro", foi que se fez a experiencia cujos resultados estão consignados no quadro 3. O fogo foi executado á uma distancia de combate e do começo ao fim do tiro a linha de mira esteve sempre apontada para o pé do alvo. Não obstante essa circumstancia, e mais ainda o facto de se ter prendido o

TIRO DE PONTO

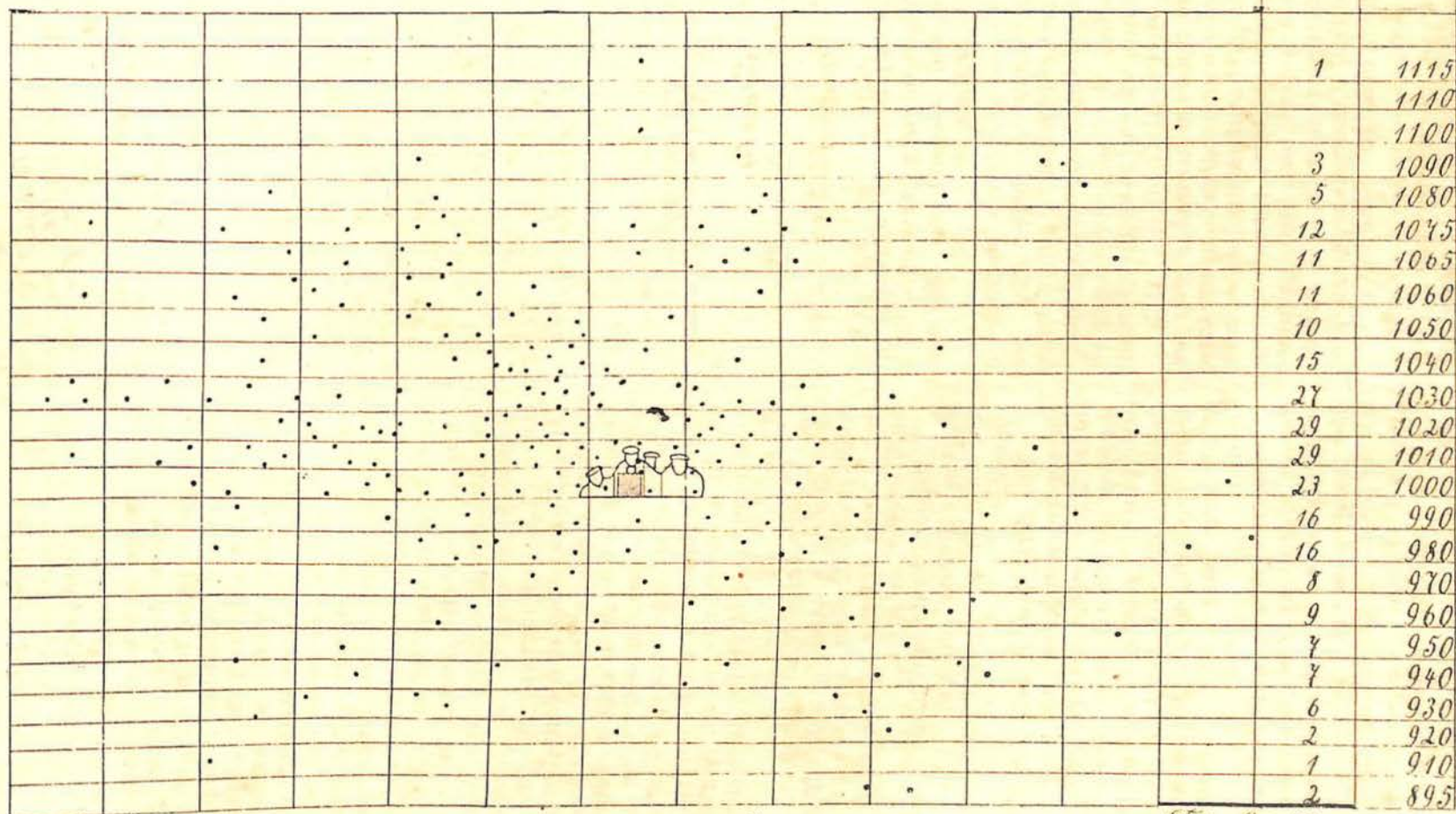
250 TIROS COM APARELHOS DE PONTARIA SOLTOS

DISTANCIA 1000m

ALÇA 1000

Numero de
impactos
em cada
rectan-
gulo de
30 cm
de altura

Alcance
das balas
em
metro
no
terreno



Escala

Total: 250



Quadro 2



Evacua

H de impactos em cada recta-gulo de 30c	Alance das bala em metro no terreno
2	780
1	765
1	765
5	770
3	790
13	675
10	680
14	675
3	680
3	570
3	540
2	510

TIRO CEIFANTE DA ESQUERDA PARA A DIREITA

No tiro ceifante o feixe de trajetórias está sujeito a oscilações bruscas em altura, provenientes da desigualdade de carregamento dos pés da tripeça durante o deslocamento lateral do cano.

Mesmo pois em casos excepcionalmente favoráveis o *fogo ceifante* não produz os resultados que seriam de esperar de um manejo perfeito da metralhadora e de um elevado consumo de munições.

Para corrigir esse defeito até pouco tempo o processo preconizado consistia em atirar com alças escalonadas.

Vejamos que vantagem o *fogo progressivo* apresenta sobre esse methodo e como resolve satisfactoriamente a questão.

(Continued)

S. R.

Ensino da avaliação de distancias⁽¹⁾

a) Importancia de uma boa estimacão das distancias no resultado do tiro.

1 — Uma acertada escolha da alça com que se deve atirar, é condição fundamental para o bom resultado no tiro. E essa escolha é tanto mais importante, quanto mais justeza tiver a arma, mais instruídos forem os atiradores e maior for a distancia, isto porque tanto menor será, então, a dispersão horizontal do feixe das trajetórias, e mais difficil se torna, portanto, lançar sobre o alvo a sua parte mais densa.

(1) Haurido no livro "Entfernungsschätzen und Entfernungsmessen" do capitão v. Byern, membro da Escola de Tiro de Infantaria (Spandau).

2 — Para a determinação da alça, o factor mais importante é a distancia. Sempre que for possível, deve-se lançar mão dos telemetros para sua determinação, porque — suppondo um pessoal instruido e um instrumento bem rectificado — obtem-se um resultado muito mais preciso do que o alcançado pelos melhores avaliadores. Todavia, a possibilidade de se empregar esse instrumento no combate — especialmente na offensiva — sendo bastante limitada, e nem sempre se podendo contar com a installação do telemetro, a tempo, no lugar onde seu emprego pôde ser de utilidade á direcção do fogo, teremos que recorrer, durante o combate — especialmente na linha de fogo — as mais das vezes, á avaliação á simples vista.

3 — Emquanto não possuirmos um fuzil que atire com uma trajectoria totalmente razante — no que technicamente mal se pôde pensar — a estimação precisa das distancias, sobretudo das médias e das grandes, é um problema de capital importancia. E isso porque, emquanto nas pequenas distancias, a trajectoria razante, devido á sua extensa zona perigosa, de algum modo compensa os erros de avaliação, com o crescimento das distancias e devido á grandeza cada vez maior do angulo de queda, a zona perigosa se torna sempre menor e o feixe das trajectorias mais estreito, augmentando assim a difficuldade de engarfiar o alvo com sua parte mais densa.

Dahi resulta a grande importancia militar das trajectorias razantes, que tornam inoffensivos os erros de avaliação das distancias, augmentando consideravelmente o resultado do tiro.

4 — Além disso, uma avaliação precisa das grandes distancias, sobretudo em se tratando de tropas bem instruidas, é condição fundamental para qualquer resultado no tiro, porque quanto melhor atirar a tropa, mais denso se manterá seu feixe de trãjectorias, e portanto mais indispensavel se torna uma acertada determinação da alça, afim de que o feixe assim adensado caia precisamente sobre o alvo. Mesmo a melhor instrucção de tiro de nada servirá, si se escolheu erradamente a alça, podendo até actuar em sentido contrario, occasionando um completo insuccesso: ao passo que uma tropa de má instrucção de tiro, apresentando um feixe de muito maior dispersão horizontal, mesmo com alça mal escolhida, pôde alcançar um soffrivel resultado no tiro, resultado que, sem duvida alguma, não poderia ser muito elevado com uma alça bem escolhida. Nós vemos assim

que uma boa instrucção de tiro só pôde trazer bons resultados quando ella seguiu par e passo com os exercicios da avaliação de distancias, e isso porque sómente com uma escolha acertada da alça é possível pôr, completamente, em evidencia, a instrucção de tiro dos homens.

A actividade dos avaliadores de distancias em relação ás providencias tomadas pela direcção do fogo, ganha, portanto, muito em importancia, com o crescimento das distancias e com a superioridade da instrucção de tiro.

b) Prescripções geraes para os exercicios.

5 — Com a adopção dos telemetros, simplificou-se consideravelmente a instrucção da avaliação de distancias, por isso que, com esses instrumentos, pôde-se determinar, com precisão e rapidez, cada uma das distancias a avaliar, mesmo quando ellas sejam tomadas sobre campos occupados por culturas, sobre depressões do sólo, cursos d'agua, pantanos, etc; emquanto que, antigamente, a medida directa por passos ou por cordão, roubava tempo e era imprecisa. Hoje pôde, portanto, a tropa, sem difficuldades e sem perda de tempo, exercitar-se na avaliação de distancias, ao mesmo tempo que nos outros ramos de serviço.

Seguindo methodicamente a marcha da instrucção, e sem que com isso venham a soffrer os outros ramos do ensino, é sempre facil medir as distancias a avaliar, quer durante os exercicios, quer de caminho para o stand de tiro ou nos exercicios de campo.

6 — Sem desconhecer que a habilidade na avaliação das distancias depende, até certo ponto, de faculdades especiaes intimamente ligadas ao valor dos órgãos visuaes, é-se obrigado a reconhecer, pelos ensinamentos da experiencia — que por meio de uma cuidadosa e continua instrucção, pôde-se elevar consideravelmente essa faculdade, no minimo até certo grão.

A condição fundamental para um bom resultado consiste, sem duvida, em aproveitar intelligentemente, nesses exercicios, as regras basicas para se conduzir com acerto no modo, sempre variavel, de fazer as avaliações, assim como as circumstancias secundarias que sobre ellas influem. Por isso, antes que se passe verdadeiramente á avaliação das distancias, é preciso fazer exercicios preparatorios, graduando, assim, a instrucção.

c) Direcção da instrucção.

7 — Tanto os officiaes como os sargentos devem possuir uma completa instrucção de avaliação das distancias e estar em condição não só de fazer pessoalmente uma avaliação, como de dirigir os exercicios.

Durante os mezes da instrucção individual, a direcção desses exercicios cabe especialmente aos officiaes instructores das companhias (esquadrões), e mais tarde, nos periodos de instrucção subsequentes, devem os commandantes dessas unidades dirigir-os pessoalmente.

Todos os officiaes subalternos — mesmo os capitães commandantes de companhias e esquadrões — e todos os sargentos, devem se esforçar por tomar parte na avaliação das distancias, porque são elles, no combate, os órgãos principaes da direcção do fogo.

d) Exercicios preparatorios

8 — Para avaliar a distancia a que se acham objectos de difficil visibilidade, é preciso, antes de tudo, poder vel-os. O desenvolvimento do poder visual, por meio de exercicios de ver ao longe, é, portanto, o primeiro passo para a avaliação das distancias.

9 — Os homens de má vista devem ser submettidos a exame medico e, em caso de necessidade, dotados com oculos para os exercicios.

10 — Para a avaliação das distancias, deve-se facilitar aos homens o reconhecimento de objectivos de difficil percepção, por meio de binoculo, instruindo-se os sargentos, os cabos e alguns soldados no emprego desse instrumento.

11 — São, além disso, especialmente apropriados, para desenvolver o poder visual, todos os exercicios de pontaria feitos contra alvos de combate, de difficil visibilidade. Que a vista humana seja capaz de se educar por meio de taes exercicios, não resta a menor duvida, depois das experiencias feitas nesse sentido.

e) Marcha normal da instrucção.

1 — Indicação pratica no terreno, das circumstancias que influem na avaliação das distancias.

12 — *Influencia da distancia sobre a grandeza apparente das extensões.*

Preparação: Medem-se, em terreno plano, diversas distancias, de 150 a 300 metros,

todas sobre a mesma direcção, partindo do ponto em que se vão collocar os observadores e assignaladas por meio de bandeiras de cores bem vivas.

Utilização: Mostrar como extensões de terreno, do mesmo comprimento, parecem á vista tanto mais curtas, quanto mais longe se acham.

Em consequencia, levar em consideração essa circumstancia na avaliação das distancias.

13 — *Influencia da posição do corpo sobre a grandeza apparente das extensões.*

Preparação: Assignalam-se em terrenos planos, por meio de bandeiras bem visiveis, extensões de 150, 300, 400, 500 e 600 metros.

Utilização: Mostrar como as diversas extensões parecem tanto mais curtas, quanto mais a vista se approxima do chão, por isso que o terreno é sempre mais difficil de ver da posição deitada, que da de pé.

Em consequencia, si não ha outras circumstancias a considerar, a tendencia natural é de avaliar as distancias mais curtas, quando deitado, do que de joelhos ou de pé.

14 — *Influencia da situação das distancias sobre sua grandeza apparente.*

Preparação: Marcam-se em terreno, quanto possivel, plano, tres distancias iguaes de 300, 400, 500 ou 600 metros, e visiveis em toda a sua extensão, assignalando-se seus extremos com bandeiras; uma das distancias passa pelo ponto em que se acha o avaliador; outra, da extensão desta, e bem visivel, parallela a ella; a terceira, tambem da mesma extensão, perpendicular á primeira ou a seu prolongamento.

Utilização: Mostrar como as extensões parallelas ou obliquas, por isso que, em regra são bem visiveis, são communmente avaliadas grandes de mais.

15 — *Influencia da illuminação sobre a precisão das avaliações.*

Preparação: Collocam-se, em torno do observador e a distancias iguaes, diversos alvos, de modo que fiquem illuminados, uns pela frente, outros pelas costas, assim como em logares sombrios, taes como nas florestas, ou em caminhos estreitos, dentro do matto.

Utilização: Mostrar como os objectos, quanto mais bem illuminados, mais claramente se tornam visiveis e, portanto, mais perto se nos afiguram; e como se dá justamente o contrario com os objectos mal illuminados.

Em consequencia, ha tendencia de julgar os objectos de facil visibilidade mais longe, do que realmente estão. Deve-se, portanto,

levar em consideração esta circumstancia, e augmentar, no primeiro caso, alguma coisa á distancia avaliada, diminuindo no segundo.

16 — *Influencia da côr do fundo contra o qual se acha o alvo, sobre a precisão das avaliações.*

Preparação : Collocam-se os alvos a distancias iguaes sobre terrenos ou contra fundos claros e escuros.

Utilisação : Mostrar como os alvos, quanto mais se destacam do terreno ou do fundo contra que se acham, mais claros parecem aos nossos olhos e mais perto, portanto, se nos afiguram. E como o contrario se dá com os alvos que se distinguem mal do fundo ou terreno em que se acham.

17 — *Influencia da configuração do terreno sobre a precisão das avaliações.*

Preparação : Collocam-se alvos a distancias iguaes, tanto em terreno completamente visível como em outro que, devido a depressões ou a outras causas, não sejam visíveis em toda sua extensão.

Utilisação : Mostrar como em terrenos sinuosos, só em parte visíveis, se avaliam geralmente as distancias muito curtas.

18 — *Influencia das dimensões e côr dos alvos sobre a precisão das avaliações.*

Preparação : Collocam-se a distancias iguaes alvos de diferentes dimensões e côres, ou alvos da mesma dimensão, mas visíveis uns, em toda a sua extensão, outros só em parte.

Utilisação : Mostrar como o alvo, quanto maior é, mais se destaca do fundo em que está, mais visível se torna e, portanto, mais proximo parece.

19 — *Influencia do tempo sobre a precisão das avaliações.*

Com o ar puro e claro avaliam-se as distancias, em geral, mais curtas do que são, porque os alvos parecem mais claros; com tempo sombrio ou neblinoso, assim como no crepusculo, avaliam-se as distancias geralmente grandes de mais, porque os alvos tornam-se, então, mais difficeis de ver.

20 — *Influencia do combate.*

Independente das influencias citadas acima, no combate são as distancias avaliadas, em geral, curtas de mais.

(Continúa).

E. Leitão de Carvalho

1.º Tenente



Concurso de Tiro de Artilharia de Campanha DA IX REGIÃO

10ª Bateria (Obuzeiros).

Tempo gasto na abertura do fogo, 31m. Duração do tiro 1 h. 04. Estes tempos são muito fortes.

A marcha para o reconhecimento do objectivo, este reconhecimento, instalação da luneta, determinação dos elementos de tiro, são muito bem feitos. A bateria fica desenhada aos clarões, e communica-se com o capitão por meio do telephone. O capitão é auxiliado por dois inferiores.

As condições de visibilidade são tão difficeis que, mesmo para dar a deriva ás peças, visando-lhes a luneta, o capitão encontra difficuldades. Estas desfavoraveis condições são augmentadas com a chuva que no momento calhe. O capitão não perde, porém, a calma durante todo o serviço.

Além do erro da designação da especie de objectivo á bateria que não'n'o vê, ainda elle foi aggravado com a explicação inteiramente superflua para as guarnições : *ponto de orientação centro do muro.*

A julgar pelo boletim a luneta de bateria foi installada de modo a só poder visar a primeira peça, sem o que não se explicaria o cammando : *pontaria reciproca sobre 1ª peça.*

A regulação foi feita com as 4 peças em vez de uma só, e houve repetições desnecessarias de alças, pois foram feitos 8 tiros por peça com as 3 alças 2.700, 2.750, 2.800, sendo um só com a do meio.

Os desvios á direita e á esquerda deram logar á má observação do tiro pelo capitão.

O serviço na bateria foi feito com calma, ordem e disciplina, notando-se que o segundo-tenente commandante da 2ª secção conteirou a 4ª peça para que um apontado rectificasse a pontaria. De um modo geral o aspecto da bateria, quer em acção quer em marcha, a compostura militar dos seus homens, o estado dos cavallos e do material lembraram-nos uma bateria prussiana.

11ª Bateria (Obuzeiros).

Os tempos gastos na abertura do fogo (20m), e de duração do tiro (1 h. 08) são ainda muito fortes.

O capitão, tendo feito insufficiente

mente o reconhecimento do objectivo, engana-se(?) e dois tiros são feitos contra objectivo diverso daquelle que lhe fôra designado. E' possível que essa designação não tenha sido *precisamente* feita, mas, mesmo assim, houve grande erro na deriva inicial — o 1º tiro afasta-se de 125 millesimos da direita do objectivo tomado por engano. Estes desvios, predominando os á esquerda, continuam até a ultima descarga e não estão de accôrdo com os commandos Assim, sendo o desvio do 2º para a direita, a correcção a commandar deveria ser *augmentar de 20* e não como o foi para o 3º tiro.

O capitão não tem a necessaria confiança na sua bateria, e por tres vezes abandona a sua luneta para ir directamente verificar a deriva da 1ª peça !

A regulação do tiro, embora acertadamente feita com uma peça, apresentou a irregularidade de serem feitas na alça alterações de 25m, quando o garfo a procurar é de 50m.

O capitão apresenta grande desembaraço a cavallo e vivacidade no serviço, mas não tem ainda a necessaria calma. A bateria mostra-se perfeitamente instruida. Quanto ao aspecto geral e compostura militar, nada deixa a desejar

Uma questão interessante : não teria sido uma excellente idéa cessar o fogo, dar a missão por cumprida assim que foi observado claramente um tiro no muro, poupando assim a munição restante ? (Comp. do R. de T. 140).

12ª Bateria (Montanha).

O commandante da bateria recebe o thema, dá ordens ao subalterno para que avance com a bateria e dirige-se a galope para reconhecer a posição. Reconhece o alvo muito a descoberto. As condições de visibilidade são tão difficeis que mesmo com o binoculo com muita difficuldade distingue-se parte do alvo. O commandante da bateria não designa com precisão o alvo, como se esquece de designar o projectil. Os seus artilheiros (tiro directo) atiram muitas vezes sem saber em que. As vozes de commando não são claras, positivas e energicas e sobretudo muito individuaes. Elle emprega na regulação a salva com alças escalonadas e distribue convenientemente o objectivo pelas peças. Não obstante a pontaria individual ha constantes desvios, dredominando o afastamento á esquerda.

Estes afastamentos attingem algumas vezes a 100 millesimos !

13ª Bateria (Montanha).

Apóz a recepção do thema o capitão, a 2 passos de sua bateria manda fazer toques: (*a cavallo e ao passo, marche!*) avançando na mesma andadura á frente da sua bateria até á posição. Faz alto na posição conveniente, manda descarregar os cargueiros e vai reconhecer o objectivo. Este serviço é feito de modo inteiramente contrario aos preceitos do regulamento. O capitão, acompanhado de sua ordenança, mantem-se a cavallo na crista topographica, e nessa situação reconhece o alvo. Os cargueiros de munições conservam-se ao lado das peças em acção e só muito tarde, e depois de descarregados, são d'ahi retirados.

Os commandos são muito irregulares, detalhados e dados directa e pessoalmente ás peças. A bateria apresenta uma instrução insufficiente, mas superior á da bateria precedente.

14ª Bateria (Montanha).

Da recepção do thema ao reconhecimento do objectivo o capitão procede como o da 13ª bateria; apenas apeia-se na posição conveniente e reconhece o objectivo a pé, mas muito descoberto. Os commandos são muito irregulares, bastando mencional estes : — *Bole a deriva a zero* — *Tiro de percussão* (sem designar o projectil) — *4ª peça outra vez* — *2ª augmente de 50 metros.* !

O garfo só é formado no 8º tiro, sendo 6 tiros (2 a 7) longos, obtidos com a mesma alça de 2.200m.

* * *

O concurso de tiro veio, como já dissemos, mostrar que as nossas baterias de campanha realizaram, em curto espaço de tempo, um grande progresso.

Por mais falho que tenha sido teve a extraordinaria vantagem de revelar uma bôa porção de lacunas a preencher, e principalmente teve o merito inatacavel de fazer finalmente realizar alguns exercicios de tiro por pontaria indirecta. Erros como esse de se designar a natureza do objectivo a uma bateria coberta, certamente não mais se reproduzirão (Baterias 1ª, 4ª, 6ª, 10ª).

Como já foi dito na critica verbal realizada no Club Militar, uma unica bateria

apresentou o boletim de tiro de accôrdo com o regulamento. Nas outras parece que não houve tempo de examinar os exemplos de commandos contidos no regulamento, onde se vê como são registradas as observações dos tiros. Certamente também de futuro observar-se-ha uma fôrma militar correcta nos commandos, obedecendo, na successão dos elementos de tiro, á ordem que estabelece o nº 60, pag. 42. do R. de T.

Finalmente, os erros commettidos serão para nós um grande acervo de ensinamentos, si os que nos dirigem quizerem delles tirar o necessario partido, e si os nossos camaradas artilheiros, emancipados do chronico, tradicional e nocivo elogio colectivo, sómente indispensavel aos ineptos e vadios, bem perceberem o serviço que presta uma critica severa, inflexivel, minuciosa, mas sempre justa.

Mais uma vez o fuzil

Mauser modelo 1908

NÃO vejo palavras assás eloquentes com que applauda e louve o benemerito organ militar — *A Defeza Nacional*, pela patriotica lembrança de provocar uma nova discussão sobre os graves defeitos attribuidos ao nosso fuzil Mauser modelo 1908.

Queiram os seus dignos directores, aceitar effusivos parabens, de par com o fraco contingente que dezejo fornecer nestas linhas á elucidação de tão magno assumpto.

Este é de hontem, por assim dizer, mas convem ser ligeiramente rememorado.

As 1.^{as} duvidas sobre a capacidade de resistencia do cano desse fuzil, surgiram de acurado estudo e experiencias realizadas ha 2 annos pelo Exmo. Sr. general Luiz Barbedo, quando coronel e director da Fabrica de Cartuchos.

Nos *Boletins do Estado Maior* — n.ºs de Agosto e Outubro de 1911 — esse proficiente chefe demonstrou brilhantemente que os canos dos ditos fuzis não offerecem a necessaria resistencia aos violentos choques e attrictos do projectil que se lhe destina, visto que mui prematuramente se inutilizam pela desaparição ou arruinamento das raías e pela excessiva dilatação da alma, tendo assim a vida util restrin-

gida ao irrisorio limite de 3000 tiros! Dahi concluía o eminente chefe que, para resolvermos o grave problema, necessariamente teriamos de tomar um destes dous caminhos: substituir a bala ponteaguda de 9 grs. por outra cujo peso, traçado e revestimento não permittam os enormes choques e attrictos desenvolvidos por aquella; ou substituir os canos por outros que tenham a indispensavel resistencia. Opinava o general Barbedo pelo 1.º alvitre, indicando e justificando largamente o novo typo de bala a adoptar.

A' questão assim exposta claramente e até com riqueza de detalhes, não faltaram contradictores. Em numeros subsequentes do mesmo *Boletim do Estado Maior*, illustres officiaes, austeros e competentes, que se julgaram obrigados a esclarecê-la, combateram doutamente a substituição da bala ponteaguda de 9 grs.; demonstraram suas superiores propriedades e vantagens balísticas mas... nada disseram sobre a apregoadá falta de resistencia do fuzil para o qual fôra escolhida; nem uma prova offeceram de que os seus canos não se inutilizam completamente quando tenham dado apenas 3000 tiros.

Era esse, aliás, o ponto principal a averiguar. Assim, porém, se não fez, máo grado os insistentes reclamos do general Barbedo por «experiencias em larga escala

«que nos permittam curar o mal se elle
«de facto existe; remedial-o se não fôr
«passivel de cura, evitando-se em todo
«caso que se transmitta a novas armas
«que porventura precisemos adquirir».
Esse brado patriotico não foi ouvido;

talvez porque, ao revés, constituisse um «perigoso divertimento para desacreditar aos olhos do paiz e do estrangeiro o armamento que a Nação possui». Assim sentenciou um illustre collega de renome; e nos gryphos dessa situação adormeceu o magno problema até o momento em que despertou nas brilhantes columnas da *Defeza Nacional*. E' ainda o mesmo; em nada o alteraram a hibernação de mais de 2 annos, e menos ainda as experiencias realizadas em Karlsruhe e das quaes nos dá conhecimento o brilhante artigo que o talentoso collega tenente Bias Pimentel fez publicar no n.º 5 desta revista. Porque, a verdade incontesté é esta: taes experiencias só deviam ser feitas com exemplares do fornecimento que recebemos em 1909. Feitas, porém, com ou-

tros recentemente fabricados e por isso necessariamente aperfeiçoados, essas experiências não podem dar a ultima palavra sobre a questão. A industria das armas de guerra diariamente, por assim dizer, introduz radicaes melhoramentos em seus productos, principalmente na respectiva materia prima.

A Deutsche Waffen de Berlim não escapa á regra. Alarmada pela noticia dos graves defeitos aqui verificados nos fuzis que ha 5 annos nos mandou, sem demora tratou de corrigir os ditos defeitos empregando na nossa ultima encomenda um aço de maior dureza, de muito maior resistencia que os utilizados anteriormente.

Tal facto é inconteste.

A propria commissão de compras delle terá a prova requisitando ao nosso D. A. alguns fuzis de 1908; e depois de submittel-os ás devidas experiencias, verá que os resultados não sequer se approximam dos que obteve com os fuzis que lhe serviram nas provas de que trata o tenente Bias Pimentel. Tendo achado para limite da vida destes ultimos 5832 tiros, para a daquelles não achará mais de 3000, isto é, quasi a metade; e dahi concluirá, naturalmente, que o aço empregado num e noutro não é o mesmo quanto ás qualidades physicas. Mas, por evitar esse trabalho, veja-se o depoimento do ex-chefe da Commissão — o illustre coronel Clodoaldo da Fonseca no *Boletim do Estado Maior* do mez de Junho de 1912, segundo o qual a fabrica de Berlim «no sentido de alongar a vida do fuzil» já apresentara, naquella epoca, um aço «para os canos dos fuzis da nova encomenda, (sic) aço que nas provas mecanicas a que fôra submittido, deu resultados surprehendedentes, «altamente superiores aos até então obtidos» (sic); em seguida, comparando, o mesmo coronel, os valores numericos das provas physicas desse novo aço com os fornecidos pelo antigo que serviu para os canos dos fuzis modelos de 1893-1895 e 1908, conclue «que a industria armeira já conseguiu dar ao aço «do cano do fuzil Mauser a resistencia «necessaria para supportar 7.000 tiros «com a nova munição da bala «S», antes da completa inutilização da arma «para tiro de guerra».

Tal informação por sua dupla origem, além de preciosa é insuspeita.

E', pois, o caso de dizer-se: «ceci tuera cela».

Assim, é claro que as experiencias tão brilhantemente descriptas pelo illustre tenente Bias são duplamente contraproducentes. De um lado implicitamente confirmam que os fuzis de 1908 não podem dar mais de 3000 tiros; do outro demonstram que os da nossa nova encomenda, (modelo 1912) por signal que «meio milhão» (!), já promptos a nos serem remettidos, não alcançam dar os 7000 tiros promettidos pela *Deutsche Waffen* e dos quaes nos fala o coronel Clodoaldo, visto que apenas supportam 5832; d'onde se conclue que, se o nosso governo não aceitar um tal rendimento — aliás magnifico — terá de regeitar esse armamento.

As considerações que ali ficam me foram inspiradas exclusivamente pelo dever de militar e funcionario da Fabrica de Cartuchos, onde ha 3 annos exerço o cargo de ajudante da secção á qual incumbe o preparo das munições de infantaria, inclusive metralhadoras. Nesse duplo character tomei parte nas experiencias do digno general Barbedo, nas quaes pude colher bons ensinamentos que me guiaram nas outras que pessoalmente realizei por ordem superior, e cujos resultados constam dos relatorios que se acham no ministerio da guerra.

Em todas essas provas — nada menos de 4 — realizadas sob um programma igual ao que adoptou a commissão de compras, os resultados se combinaram de modo a não deixarem a menor duvida de que o nosso fuzil modelo 1908 não resiste absolutamente a mais de 3000 tiros.

Estou tão convencido disto que me proponho proval-o praticamente a quem duvidar e obtenha ordem legal para que se façam novas experiencias.

As duas primeiras de que fui incumbido tiveram por fim investigar se os effeitos da bala ponteaguda ou «p» com envolturo de *maillechort* eram porventura menos lesivos ao cano do fuzil do que os da mesma bala com o revestimento de aço.

No relatorio apresentado a 13 de Janeiro de 1913, encontram-se os seguintes dados:

Fuzil inteiramente novo — n.º 8023 — bala de aço.

Após 1205 tiros perdera bastante na justeza a 50 ms.; aos 2310 já expellia balas meio deitados; com 2510 mostrou-

se inteiramente inutilizado. Todos os projectis saiam sem governo algum e só por acaso tocaram o alvo a 50 ms.

Fuzil n.º 7166 — bala de maillehort.

Aos 2600 tiros, justeza alterada a 50 ms.; aos 2600 balas meio inclinadas; aos 2800 o fuzil achava-se inteiramente imprestavel.

As duas outras experiencias visaram um estudo comparativo dos effeitos, sobre o fuzil, da polvora de *Rottweil* n.º 1532 e da nacional de *Piquete* n.º 422. A 11 de Março de 1913 apresentei minucioso relatorio, de cuja minuta extráio as seguintes notas:

Fuzil n.º 6725 — polvora n.º 1532 de Rottweil carga 3,15 grs.

Aos 2000 tiros, francamente decaidas a justera a 50ms. e a velocidade; aos 2300, algumas balas inclinadas; aos 2575 todas ellas se projectaram em verdadeira gradeza no alvo a cinco metros de distancia e não o alcançavam a 50 metros. Serrado o cano, notavam-se nelle raros vestigios do raiamento e examinado com uma lente via-se que apresentava o aspecto de madeira carbonizada, traduzindo profundas e geraes erosões.

Afinal o fuzil n.º 9960 que atirou com a polvora de *Piqueie*, aos 3015 tiros se achava perfeito; inutilizou-se, porem, com mais 200 ou sejam ao todo 3215.

Como a do anterior a alma apresentava o aspecto de madeira carbonizada mas as erosões, embora geraes, todavia eram de menor vulto e menos profundas. Do raiamento só se encontravam vestigios n'um ou n'outro ponto.

A conclusão a tirar do que ahí fica dito é esta: quer com a bala de aço, quer com a de maillehort; seja com a polvora de Rottweil seja com a de Piquete, a vida do fuzil m 1908 que adquirimos ha 5 annos e ainda se acha amazenado no D. A. está dentro do limite de 2500 a 3000 tiros. Entretanto, tendo em vista as situações normaes de combate, póde dizer-se que esse limite está entre 3000 a 3500, attingindo mui raramente a 4000.

Mas, ainda não é tudo. Se não fôra já estarem longas estas informações eu descreveria mais um serio defeito que o nosso fuzil possui e só poderá ser evitado por atiradores bem avisados. Em resumo: esse defeito acarreta a *falha dos tiros*, (tantos quantos se queira) e mesmo conhecendo-o

em certas circunstancias o soldado não o poderá evitar; e d'ahi, necessariamente, um grande prejuizo para intensidade de fogos, talvez no momento em que ella tenha de decidir o prelio.

Entretanto, tendo em vista que esse e os outros incovinientes apontados, não invalidam a arma que effectivamente é admiravel por seus effeitos balísticos — julgo que seria uma patriotica e util medida a sua distribuição á infantaria, não só em beneficio da instrucção como para acabarmos de vez com o inconveniente de duas munições.

Tal medida nos permitiria abandonar definitivamente a archaica bala ogival 11,2 grs. e consequentemente o velho e descalibrado fuzil de 1895.

Realengo — Fevereiro, 20 — 914.

Sezefredo de Almeida,

Cap. de artilharia.

Com este artigo julgamos dever resumir o estado actual dessa questão, tirando as seguintes conclusões positivas:

1º. o fuzil Mauser 1912, que foi o objecto das experiencias a que se refere a brilhante carta n. 5 é "uma admiravel arma de guerra" que em uma campanha "por mais que ella se prolongue nunca deixará de corresponder á confiança" dos nossos soldados.

2º. o fuzil Mauser 1908, que ha cinco annos se acha trancafiado no D. A. em lugar de ser distribuido á tropa tem uma vida insufficiente, pois a resistencia do seu cano quer com a bala de aço, quer com a de maillehort, seja com a polvora Rottweil, seja com a nacional, orça apenas por 2.500 tiros.

E' pois inteiramente fundada a desconfiança que existe a seu respeito cimentada pelas informações da carta supra, e completada pela incomprehensivel obstinação em occultal-a á tropa.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes desta capital que ainda não foram procurados ou encontrados pelo collaborador pedimos o obsequio de não deixarem passar sem debito para o 3.º trimestre.